

Instituto Politécnico de Setúbal



Escola Superior de Ciências Empresariais

Literacia Financeira

O caso dos alunos dos cursos da área financeira da Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE) do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS)

António José da Conceição Santos

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau
de

MESTRE EM CONTABILIDADE E FINANÇAS

Orientadora: Professora Doutora Maria Teresa Alves

Setúbal, (2015)

i. Agradecimentos

Na hora de terminar este longo e solitário trabalho de pesquisa, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Teresa Alves por todo o apoio, disponibilidade, incentivos e por, em determinada fase deste longo processo, não me ter deixado desistir de completar esta fase da minha vida académica, demonstrando todo o seu profissionalismo e disponibilidade para que terminasse com sucesso esta etapa. Muito obrigado do fundo do coração, professora.

Agradecer também a todos os docentes que integram o Departamento de Contabilidade e Finanças da Escola Superior de Ciências Empresarias do Instituto Politécnico de Setúbal pelas manifestações de incentivo a que terminasse esta fase da minha vida académica e que me auxiliaram na obtenção de respostas ao questionário.

Agradecer aos alunos das Licenciaturas em Contabilidade e Finanças, regimes diurno e noturno bem como aos alunos do Mestrado em Contabilidade e Finanças que participaram no inquérito.

Agradecer a toda a minha família, na pessoa da minha esposa, Sandra Cruz, pelas horas que não estive ao seu lado para me dedicar a este trabalho.

Dedicar esta dissertação ao meu filho, Bruno Santos, com o intuito de que te sirva de motivação para a tua vida académica. Este trabalho é para ti filho.

ii. Resumo

As atitudes, comportamentos e conhecimentos financeiros dos indivíduos têm ganho nos últimos anos uma importância crescente. Estes determinantes têm sido muito ligados à evolução das economias, associando-se os níveis de literacia financeira das populações ao desempenho económico de cada sociedade.

Por isso mesmo existe uma crescente preocupação dos organismos internacionais, dos governos e dos bancos centrais em promover planos de ação junto das suas populações com o objetivo de aumentar o nível do conhecimento financeiro dos cidadãos.

No caso específico dos estudantes do ensino superior, têm sido efetuados estudos um pouco por todo o mundo com vista a identificar por um lado o seu nível de literacia financeira, bem como a adoção de medidas de promoção do conhecimento dos temas financeiros.

O presente estudo tem como objetivo verificar junto de um *cluster* específico, que são os alunos dos cursos de licenciatura e mestrado da área financeira, ministrados na Escola Superior de Ciências Empresariais / Instituto Politécnico de Setúbal (ESCE/IPS), os seus níveis de conhecimento quanto à sua inclusão financeira, planeamento de despesas, poupança e conhecimentos financeiros. Para o efeito utilizou-se os métodos qualitativo, bibliográfico e descritivo e, como técnica de recolha de dados, recorreu-se ao inquérito por questionário.

Os resultados obtidos foram satisfatórios no que ao conhecimento de cartões de débito e seguros diz respeito, mas já sobre indexantes foram bastante insatisfatórios.

iii. Palavras-chave

Literacia Financeira; Bem-estar Financeiro; Inclusão Financeira; Poupança; Ensino Superior

iv. Abstract

Attitudes, behaviours and financial knowledge of individuals have gained increasingly importance in recent years. These determinants have been closely linked to the development of economies, being financial literacy levels of the population associated with the economic performance of each society.

For this reason there is a growing concern of international bodies, governments and central banks to promote action plans with their populations in order to increase the level of financial literacy of citizens.

In the specific case of undergraduate and graduate students, studies have been developed all over the world to identify on one hand their level of financial literacy as well as the adoption of measures to promote knowledge of financial issues.

This study aims to verify from a particular cluster, composed by undergraduate and graduate students of financial area courses of ESCE / IPS, their levels of knowledge about their financial inclusion, planning expenses, savings and financial literacy. Regarding the achievement of such target we have used qualitative, bibliographic and descriptive methods, and as a technique for the collection of data, the survey.

The results were satisfactory as far as the knowledge of debit cards and insurances concerns, but quite unsatisfactory about indexes.

v. Keywords

Financial Literacy; Financial well-being; Financial inclusion; savings; Higher education

vi. Índice de Tabelas

Tabela 1 – Universo de Alunos da ESCE que frequentaram a Licenciatura em Contabilidade e Finanças regimes diurno (LCF) e noturno (LCFN) e Mestrado em Contabilidade e Finanças (MCF), por género no ano letivo 2014/2015.	32
Tabela 2 – Número e % de respostas ao questionário.....	33
Tabela 3 – Respostas à questão “O que é o Saldo Disponível de uma conta de depósitos à ordem?”	50
Tabela 4 – Respostas à questão “A Lisa recebeu na sua caixa de correio, o Código Pessoal (PIN) para o seu novo cartão de débito, enviado pelo seu banco. O que deve fazer Lisa com o PIN?”	50
Tabela 5 – Respostas à questão “Qual dos seguintes utilizadores de cartão de crédito, é provável que pague, um maior valor em Euros com encargos financeiros por ano, se todos os cartões de crédito cobram o mesmo valor em comissões e taxas de juro?”	51
Tabela 6 – Respostas à questão “Inflação alta significa que o custo de vida está a aumentar rapidamente.”	51
Tabela 7 – Respostas à questão “A inflação pode causar dificuldades de muitas formas. Qual o grupo que teria maiores problemas durante os períodos de inflação alta que dure vários anos?”	52
Tabela 8 – Respostas à questão “Imagine que a taxa de juro da sua conta poupança era de 1% por ano e a inflação foi de 2% por ano. Após um ano, com o dinheiro da sua conta seria capaz de comprar:”	52
Tabela 9 – Respostas á questão “Se tivesse uma conta poupança num banco, qual das seguintes opções seria a correta sobre os juros que você ganharia com essa poupança?”	53
Tabela 10 – Respostas à questão “Se investir 1000€ hoje a uma taxa de 4% ao ano, o seu saldo dentro de um ano será:”	53
Tabela 11 – Respostas à questão “A Rebeca poupou 12 000€ para as suas despesas com a faculdade, trabalhando em part-time. Planeia começar os estudos no próximo ano e irá necessitar de todo o dinheiro que poupar. Qual a melhor forma de aplicar/guardar o dinheiro com o menor nível de risco?”	54
Tabela 12 – Respostas à questão “Considera a seguinte afirmação verdadeira ou falsa? “Comprar uma só ação de uma empresa, normalmente, proporciona um retorno mais seguro do que comprar uma Unidade de Participação de um Fundo de Investimento””	54
Tabela 13 – Respostas à questão “Na maioria dos empréstimos à habitação, a taxa de juro paga ao banco é indexada a uma taxa de referência, que normalmente é a “Euribor”. Diga se a Euribor:”	55
Tabela 14 – Respostas à questão “O que é o <i>spread</i> ?”	55
Tabela 15 – Respostas à questão “A principal razão para contratar um seguro é:”	56
Tabela 16 – Resumo das respostas dos inquiridos sobre conhecimentos financeiros.....	57

vii. Índice de Figuras

Figura 1 - Cinco domínios e três aspetos da capacidade financeira	17
Figura 2 – Estimativa e projeção da população por área geográfica, com variante média, 1950 - 2100 (em milhares de milhões).....	18
Figura 3 – Pirâmide etária, Portugal, 2013 (estimativas), 2035 e 2060 (projeções, cenário central).....	20
Figura 4 – A interligação dos elementos que contribuem para o bem-estar financeiro.	24

viii. Índice de Gráficos

Gráfico 1 – População residente em Portugal	19
Gráfico 2 – Taxa bruta de natalidade em Portugal (1992 – 2012)	19
Gráfico 3 – Número de pessoas com 60 anos ou mais: Mundo, países desenvolvidos e em desenvolvimento, 1950-2050	20
Gráfico 4 – PIB <i>per-capita</i> mundial de 1820 até 2003 por regiões	22
Gráfico 5 – PIB <i>per-capita</i> em Portugal – De 1960 a 2012	22
Gráfico 6 – PIB <i>per-capita</i> Mundial em USD	23
Gráfico 7 – Nacionalidade dos inquiridos	34
Gráfico 8 – Escalão Etário	34
Gráfico 9 – Género.....	35
Gráfico 10 – Estado Civil.....	35
Gráfico 11 – Grau de Ensino que o inquirido frequenta	36
Gráfico 12 – Respostas de Alunos de Contabilidade e Finanças (Regime Diurno)	36
Gráfico 13 – Respostas de Alunos de Contabilidade e Finanças (Regime Noturno) –LCFN	37
Gráfico 14 – Respostas sobre a situação laboral ou ocupacional.....	38
Gráfico 15 – Respostas à questão “Com quem habita?”	38
Gráfico 16 – Respostas à questão sobre qual o rendimento mensal líquido <i>per capita</i> do agregado familiar.....	39
Gráfico 17 – Respostas à questão “Qual a sua principal fonte de rendimento?”	40
Gráfico 18 – Respostas à questão “É titular de uma ou mais contas de depósitos à ordem?”	40
Gráfico 19 – Respostas à questão “Com que frequência movimenta a sua principal conta bancária, incluindo os pagamentos por Multibanco?”	41
Gráfico 20 – Respostas á questão “Com que frequência controla os movimentos e o saldo da sua principal conta bancária?”	42
Gráfico 21 – Respostas à questão “Qual é a principal forma como controla os movimentos e o saldo da sua principal conta de depósitos à ordem?”	43
Gráfico 22 – Respostas à questão “Com que rigor conhece o saldo da sua principal conta bancária?”	44
Gráfico 23 – Respostas á questão” Considera importante fazer um planeamento do seu orçamento familiar, ou seja das suas receitas e despesas futuras?”	45
Gráfico 24 – Respostas à questão “Com que periodicidade faz o planeamento do seu orçamento familiar?”	46
Gráfico 25 – Respostas à questão” Com quem discute assuntos relacionados com finanças pessoais (por exemplo, receitas, despesas, poupanças, investimentos, bancos, etc.)?”	47
Gráfico 26 – Respostas à questão” Costuma fazer poupanças?”	47

Gráfico 27 – Respostas à questão “O que faz geralmente com o dinheiro que ganha/recebe?”	48
Gráfico 28 – Respostas à questão “Qual a principal razão que o/a leva a fazer poupanças?”	49

x. Abreviaturas

ASIC – *Australian Securities and Investments Commission*
BCE – Banco Central Europeu
BdP – Banco de Portugal
CF – Contabilidade e Finanças
ESCE – Escola Superior de Ciências Empresariais
EUA – Estados Unidos da América
FED – Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos
FEP – Faculdade de Economia e Gestão do Porto
FSA – Centro de Pesquisas de Finanças Pessoais do Reino Unido
INE – Instituto Nacional de Estatística
IPS – Instituto Politécnico de Setúbal
ISCAL – Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa
LCF – Licenciatura em Contabilidade e Finanças
LCFN – Licenciatura em Contabilidade e Finanças (Regime Noturno)
MCF – Mestrado em Contabilidade e Finanças
NASD – *National Association of Securities Dealers, atualmente designado por FINRA - Financial Industry Regulatory Authority*
NEFE - *National Endowment for Financial Education*
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.
ONU – Organização das Nações Unidas
TFFL – Grupo de Trabalho em Literacia Financeira Canadiano
U.E. – União Europeia
UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas

xi. Índice Geral

I.	AGRADECIMENTOS	2
II.	RESUMO	3
III.	PALAVRAS-CHAVE	3
IV.	ABSTRACT	4
V.	KEYWORDS	4
VI.	ÍNDICE DE TABELAS	5
VII.	ÍNDICE DE FIGURAS	6
VIII.	ÍNDICE DE GRÁFICOS	7
X.	ABREVIATURAS	9
XI.	ÍNDICE GERAL	10
1	INTRODUÇÃO	12
2	REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1	LITERACIA	14
2.1.1	Conceito de Literacia.....	14
2.1.2	Conceito de Literacia Financeira.....	15
2.2	DETERMINANTES DA LITERACIA FINANCEIRA	17
2.2.1	A demografia	18
2.2.2	O envelhecimento da população e o seu impacto nos sistemas de pensões	20
2.2.3	Alterações nos rendimentos.....	21
2.2.4	Bem-estar financeiro	24
2.2.5	O aumento do número de produtos financeiros e da sua complexidade	26
2.2.6	Mudanças no mercado de capitais	27
2.3	ESTUDOS EMPÍRICOS	28
3	METODOLOGIA	30
3.1	MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO	30
3.2	MÉTODO E TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS	30
3.3	QUESTIONÁRIO.....	30
3.4	POPULAÇÃO E AMOSTRA	32
3.4.1	População.....	32
3.4.2	Amostra	33
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	34
5	CONCLUSÕES	58

6	BIBLIOGRAFIA	60
7	ANEXOS	63
7.1	ANEXO 1	64
7.2	ANEXO 2	70

1 Introdução

A literacia financeira entrou no léxico dos portugueses, sobretudo, após o início da crise financeira mundial de 2008 e a sua importância foi-se acentuando com a crise económica com que Portugal passou a estar confrontado, sobretudo, a partir de 2011, com muitas famílias a terem que passar a “fazer contas à vida”.

Com o aumento dos impostos e a conseqüente redução do salário disponível; e com o aumento do desemprego que atingiu muitas famílias, a necessidade dos cidadãos em ajustarem os seus gastos aos seus rendimentos fez com que o tema da literacia não fosse absorvido de uma forma natural pelos portugueses mas sim imposta pelas situações reais da vida de cada pessoa, de cada agregado familiar.

O presente estudo tem como objetivo verificar junto de um *cluster* específico, que são os alunos dos cursos de licenciatura e mestrado em Contabilidade e Finanças (CF) da ESCE/IPS, os seus níveis de conhecimento quanto à sua inclusão financeira, planeamento de despesas, poupança e conhecimentos financeiros. Foram utilizados os métodos qualitativo, bibliográfico e descritivo e, como técnica de recolha de dados, o inquérito por questionário.

Tratando-se de inquiridos que frequentavam cursos do ensino superior politécnico público português, numa área curricular como Contabilidade e Finanças, os resultados deste estudo são da maior relevância pois espera-se atingir resultados que reflitam um conhecimento maior sobre os temas financeiros, fruto do conhecimento adquirido ao longo do plano curricular das disciplinas integrantes dos respetivos cursos. Espera-se, assim, que os inquiridos demonstrem ter absorvido os conhecimentos ministrados.

Não sendo um trabalho exaustivo sobre o tema da literacia financeira dos alunos do ensino superior politécnico público, este estudo pretende ser um instrumento para trabalhos futuros no âmbito do estudo da literacia financeira da população que frequenta o ensino superior, da qual se espera que seja no futuro uma forte alavanca de mudança de estilos e comportamentos de vida da nossa sociedade, e neste campo específico da literacia financeira, possa “influenciar” o nosso desempenho coletivo no sentido do maior rigor e conhecimento da vida económico financeira de cada um, de cada família da nossa sociedade.

A presente dissertação está dividida em quatro partes, onde no capítulo 2 se efetua uma revisão da literatura sobre o tema da literacia financeira, conceitos e determinantes.

No capítulo 3 evidencia-se a metodologia adotada para o presente estudo, a qual se baseou na adoção dos métodos qualitativo, bibliográfico e descritivo, tendo sido utilizado, como técnica de recolha de dados, o inquérito por questionário, o qual teve como população alvo os alunos das licenciatura em CF e CFN e do 1º ano do Mestrado em CF (MCF).

No capítulo 4 apresentam-se e analisam-se os resultados obtidos com a aplicação do questionário e efetua-se a comparação com os resultados obtidos em estudos similares (Mendes, 2013 e BdP, 2011).

Por último, no capítulo 5, evidenciam-se as conclusões, algumas limitações do estudo e perspectivam-se estudos futuros sobre o tema da literacia financeira no universo dos alunos do ensino superior público.

2 Revisão de Literatura

2.1 Literacia

2.1.1 Conceito de Literacia

A educação constitui-se como um desígnio muito importante na construção dos modelos das sociedades modernas. Cada vez mais a educação é associada ao desenvolvimento económico, social e do conhecimento, sendo preponderante que a aprendizagem dos indivíduos que compõem as sociedades seja cada vez mais focada na aprendizagem ao longo da vida. Este tipo de aprendizagem leva a que os indivíduos se tornem mais participantes na cidadania ativa, no seu desenvolvimento individual e tendo como consequência final, uma maior inclusão social.

Só com indivíduos que estão em permanente busca do saber e do conhecimento é possível estar preparado para os novos desafios que se colocam na sociedade moderna, como a globalização, o aumento exponencial da população mundial, as novas tecnologias e a degradação constante do meio ambiente.

A palavra educação, com origem no latim *educatiōne*, no Dicionário de Língua Portuguesa, 2006 da Porto Editora, define-se como:

“1- Processo que visa o desenvolvimento harmónico do ser humano nos seus aspetos intelectual, moral e físico e a sua inserção na sociedade. 2 – Processo de aquisição de conhecimentos e aptidões, 3 – Instrução. 4 – Adoção de comportamentos e atitudes correspondentes aos usos socialmente tidos como corretos e adequados: cortesia e polidez.”

Dentro do processo de aprendizagem do indivíduo deve-se destacar a educação formal, a não formal e a informal. De acordo com Maarschalk (1988, citado por Chagas, 1993:52), “a educação formal caracteriza-se por ser altamente estruturada. Desenvolve-se no seio de instituições próprias — escolas e universidades — onde o aluno deve seguir um programa pré-determinado, semelhante ao dos outros alunos que frequentam a mesma instituição. A educação não-formal processa-se fora da esfera escolar e é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversa ordem, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar ciência a um público heterogéneo. A aprendizagem não-formal desenvolve-se, assim, de acordo com os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável. Finalmente, a educação informal ocorre de forma espontânea na vida do dia-a-dia através de conversas e vivências com familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais.”

É neste processo de aprendizagem abrangente que surge a literacia. A palavra “literacia” tem origem no latim *littĕram* e define-se como a capacidade de ler e escrever; alfabetismo. Porto Editora (2006).

Para a Kirsch *et al.* (1993:2) literacia consiste na “capacidade para usar informação escrita e impressa para funcionar em sociedade, a fim de atingir objetivos individuais, bem como desenvolver conhecimento e potencial individual”.

Montigny (1995:14) define “literacia como as capacidades de processamento de informação escrita na vida quotidiana.”

Mas literacia é muito mais que um conceito. Embora só recentemente o termo se tenha passado a utilizar mais frequentemente na linguagem corrente dos povos, há mais de 3.200 anos que a literacia é reconhecida como um importante ativo económico e social, como revela o papiro encontrado em Teba, datado de 1.210 A.C. (Statistics Canada, 1996).

A literacia constitui uma importante ferramenta do conhecimento, desempenhando um papel central na criação de riqueza económica que permite aos cidadãos de muitos países da OCDE, beneficiarem dos mais elevados padrões de vida do mundo.

Em Portugal, a palavra literacia entrou no léxico comum, com a realização dos estudos coordenados por Benavente (1996:4) em que este “novo conceito – literacia – traduz a capacidade de usar competências (ensinadas e aprendidas) de leitura, de escrita e de cálculo. Tal *capacidade de uso* escapa, assim, a categorizações dicotómicas, como sejam “analfabeto” e “alfabetizado”. Pretende-se com aquele novo conceito, dar conta da posição de cada pessoa num *continuum* de competências que tem a ver, também, com as exigências sociais, profissionais e pessoais com que cada um se confronta na sua vida corrente.”

Pedrosa (2008:115) considera que literacia “... é o abrir de caminho para se dispor das condições de cidadania plena, de capacidade para escolher o que se quer ser e fazer na vida, de participar nas comunidades e aprender pela vida fora.”

Torna-se assim claro que a literacia é hoje vista numa perspetiva individual em que se considera como um atributo de cada um e numa perspetiva social, em que assenta numa prática social e num fenómeno cultural, pois é a forma que cada indivíduo utiliza para “resolver” as suas tarefas associadas ao trabalho, à vida pessoal e à vida em sociedade.

2.1.2 Conceito de Literacia Financeira

Com a crise financeira mundial despoletada em 2007/2008, muito rapidamente se levantaram as “consciências do mundo”, para a necessidade de os consumidores de produtos financeiros serem portadores de mais informação do que a que era usual disporem e da que era usual as instituições financeiras disponibilizarem.

Desde logo, organizações mundiais como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e a União Europeia (U.E.), entidades de supervisão bancária, como o Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos (FED) e o Banco Central Europeu (BCE), governos nacionais e associações de defesa dos consumidores, iniciaram e sensibilizaram a opinião pública para a necessidade de as sociedades serem cada vez mais letradas financeiramente.

Torna-se, então, importante definir literacia financeira. De acordo com PISA (2012:144) a literacia financeira é o conhecimento e compreensão de conceitos e riscos financeiros, as habilidades, motivação e confiança para aplicar esse conhecimento e compreensão, a fim de tomar decisões eficazes em uma variedade de contextos financeiros, para melhorar o bem-estar

financeiro de indivíduos e da sociedade, e para permitir a participação na vida económica. No mesmo sentido, Noctor *et al* (1992, citado por Schagen *et al* 1996:91) define literacia financeira como “ a capacidade de fazer julgamentos informados e tomar decisões concretas tendo em vista a gestão do dinheiro”. Tem sido com base nos princípios gerais desta definição que outros autores (por exemplo, Vitt, 2000; Moore, 2003; Mandel, 2007) e organizações, na última década, se têm dedicado a estudar nas diversas regiões do globo as questões relacionadas com a literacia financeira. Não introduzindo novos conceitos, mas desenvolvendo o conceito de Noctor *et al* (1992).

Vitt (2000:2) foi dos primeiros a desenvolver as ideias de Noctor *et al* (1992). Considerou a literacia financeira como a “capacidade de leitura, análise, gestão e comunicação dos diversos problemas financeiros que se colocam diariamente ao nível do bem-estar material dos cidadãos. Tal inclui a aptidão para discernir sobre as diversas escolhas financeiras, discutir assuntos financeiros sem qualquer desconforto, planear o futuro em termos financeiros, ou ainda responder competentemente a eventos que ocorrem no quotidiano e que afetam as decisões financeiras.” Enquanto Moore (2003:7) definiu-a como “competência e aptidão para utilizar os conhecimentos adquiridos na área financeira”. Mandel (2007, citado por Xiao 2008:163-164), por sua vez, define literacia financeira como a “capacidade de avaliar novos e complexos instrumentos financeiros e tomar decisões informadas relativamente à seleção e utilização desses instrumentos de modo a melhor satisfazer objetivos de longo prazo”.

A organização dos Estados Unidos da América (EUA), *National Association of Securities Dealers*, atualmente designada por FINRA - *Financial Industry Regulatory Authority* (NASD) (2003:2), entendeu que a “compreensão sobre os princípios de mercado, instrumentos, organizações e regulação” seria a melhor definição para literacia financeira. Mais tarde, a OCDE (2005:26) aprofunda a definição do conceito identificando-o como: “conhecimento e compreensão dos conceitos financeiros e competência, motivação e confiança para aplicar esses conhecimentos, com o objetivo de tomar decisões concretas em vários contextos financeiros e melhorar o bem-estar financeiro de indivíduos e da sociedade.” O Grupo de Trabalho em Literacia Financeira canadiano (TFFL, 2010:4) define literacia financeira como ter conhecimentos, habilidades e competências para fazer decisões financeiras responsáveis”.

Como se verifica, para o conceito de literacia financeira não existe uma definição única e universal, mas o conceito parece tornar-se cada vez mais abrangente, passando da mera gestão do dinheiro para a inclusão de conhecimentos e competências da área financeira em geral.

Também, não existe um consenso geral sobre como “medir” a literacia de um indivíduo.

A figura 1 apresenta um modelo de capacidade financeira segundo Kempson *et al.* (2005).

Figura 1 - Cinco domínios e três aspetos da capacidade financeira

	1	2	3	4	5
	Equilibrar o orçamento	Manter o controlo	Escolher produtos	Planear o futuro	Manter-se informado / a obtenção de ajuda
Conhecimento	A compreensão de como equilibrar o orçamento	A compreensão de como controlar	A compreensão de como escolher produtos	A compreensão de como planear o futuro	Compreender onde obter informações e ajuda
Atitude	Motivação e confiança em equilibrar o orçamento	A motivação e a confiança em manter o controlo	Motivação e confiança nos produtos que escolhem	Motivação e confiança no planeamento do futuro	A motivação e a confiança na obtenção de informações e ajuda
Comportamento	Equilibrar o orçamento na prática	Manter o controlo na prática	A escolha de produtos bem na prática	Planeamento do futuro na prática	Manter-se informado e buscando ajuda na prática

Adaptado de Kempson *et al.* (2005)

No seu modelo Kempson *et al.* (2005: 26-33) identificaram as componentes conhecimento; atitude; e comportamento. Identificaram também cinco domínios das finanças pessoais:

1. Equilibrar o orçamento
2. Manter o controlo;
3. Escolher produtos;
4. Planear o futuro;
5. Manter-se informado e obter ajuda.

Cada um destes domínios é composto por conhecimentos, atitudes financeiras e práticas financeiras que, juntas, aumentam a capacidade financeira individual. No entanto, Kempson *et al.* (2005:20) sugerem que é o elemento do comportamento que pode ser mais importante.

2.2 Determinantes da Literacia Financeira

No seu dia-a-dia, os consumidores são chamados, cada vez mais, a tomarem decisões financeiras informadas, pois as mesmas influenciam não só a sua vida financeira individual, mas também a da sua família, e da sociedade em que estão inseridos. As competências financeiras individuais são por isso um fator chave do sucesso, pois o mundo financeiro e a sociedade em geral mudaram muito nas últimas décadas.

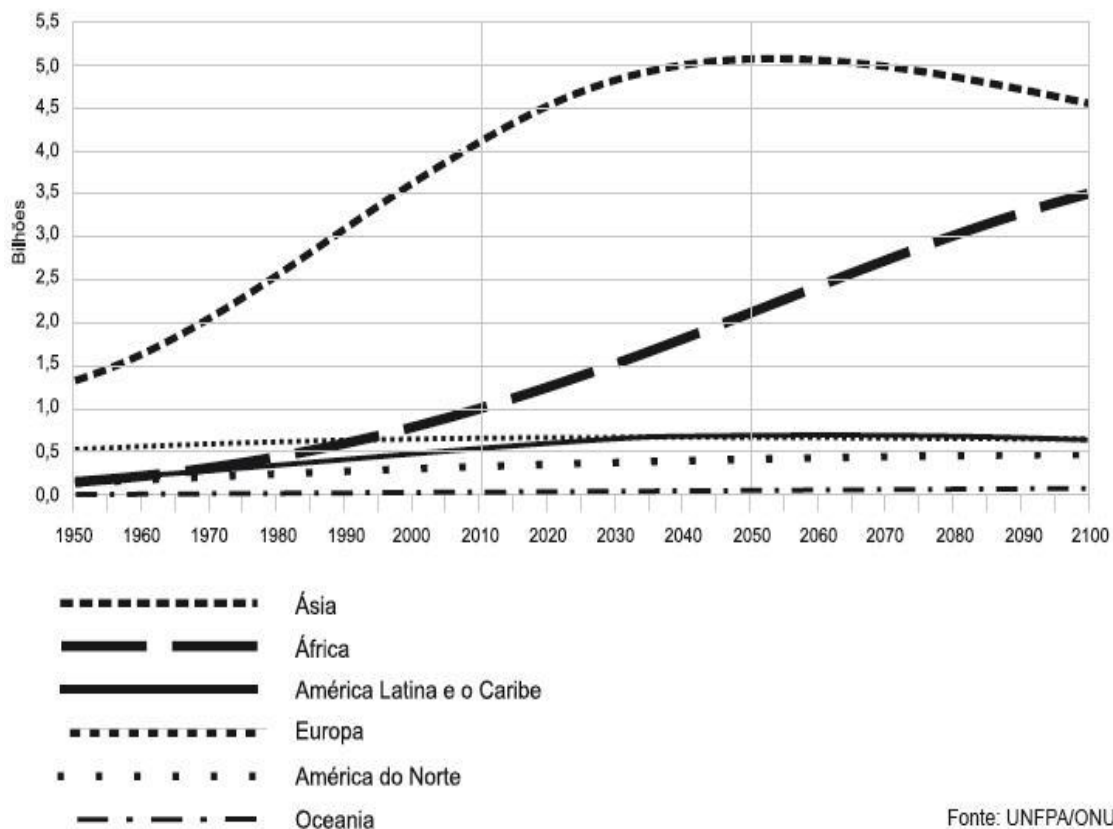
Os produtos financeiros tornaram-se cada vez mais complexos e variados. Se há uns anos atrás as instituições financeiras disponibilizavam “serviços bancários básicos, como uma conta depósitos à ordem e uma conta de depósito a prazo, em que a sua abertura e gestão eram simples. Hoje em dia os consumidores são confrontados com uma diferente variedade de tipos de contas: com comissões e pagamento de juros, com comissões e sem pagamento de juros, sem comissões e sem pagamento de juro, com comissões mas com um limite no número de

transações mensais, com descoberto autorizado, etc., que são disponibilizadas por um grande número de instituições financeiras. Os consumidores têm hoje a possibilidade de escolher um sem número de opções de poupança: contas títulos, certificados de depósito, e toda uma variedade de produtos com diferentes maturidades e taxas de juro”(OCDE, 2005:28). São assim disponibilizados hoje nas instituições financeiras, produtos financeiros com uma complexidade tão distinta como ações ou obrigações, *swaps* ou unidades de participação de fundos de investimento, futuros ou opções, crédito à habitação ou *leasing*, *renting* ou crédito ao consumo, cartões de crédito ou cartões de débito, transferências ou débitos diretos, etc.

2.2.1 A demografia

A figura 2 apresenta a projeção da população mundial até ao ano de 2100, por área geográfica do globo feita pela ONU.

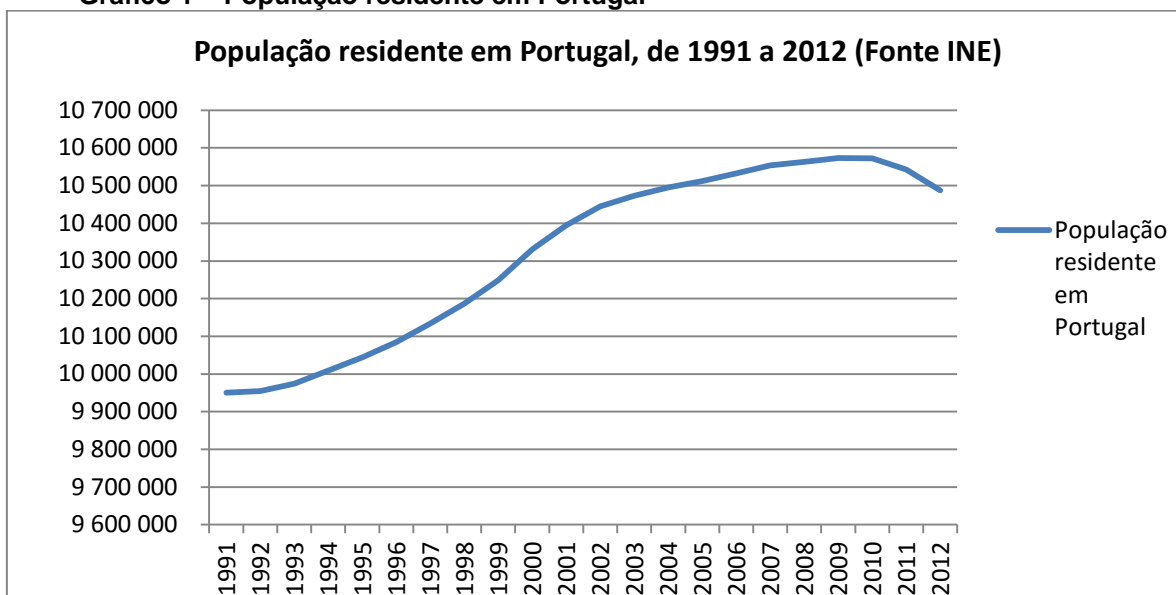
Figura 2 – Estimativa e projeção da população por área geográfica, com variante média, 1950 - 2100 (em milhares de milhões)



Também o aumento demográfico e os fluxos migratórios criaram novos desafios aos consumidores financeiros, às instituições financeiras e aos Estados através dos serviços de supervisão e regulação financeira. Desde o final da segunda guerra mundial, tem-se assistido a um crescente aumento da população mundial e que irá continuar segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) até ao fim do Século XXI (Fig. 2), que se traduz numa “necessidade de aumento da literacia financeira” (Gramlich,2002:2).

O gráfico 1 apresenta a evolução da população residente em Portugal no período de 1991 a 2012 segundo o INE.

Gráfico 1 – População residente em Portugal

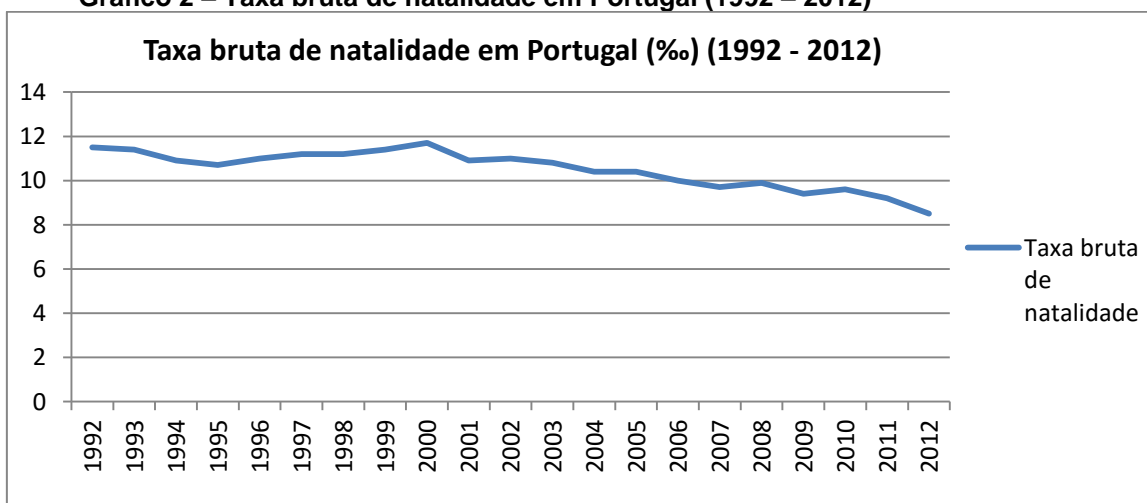


Fonte: Dados do INE (29/03/2014)

Portugal entre 1991 e 2002 registou um crescimento acentuado da população residente, passando a um crescimento mais ténue até 2009, dando-se em 2010 a inversão do ciclo de crescimento da população, tendo o país perdido em 3 anos, 86 mil residentes.

O gráfico 2 apresenta a taxa bruta de natalidade em Portugal nas últimas duas décadas segundo o INE.

Gráfico 2 – Taxa bruta de natalidade em Portugal (1992 – 2012)



Fonte: Dados do INE (29/03/2014)

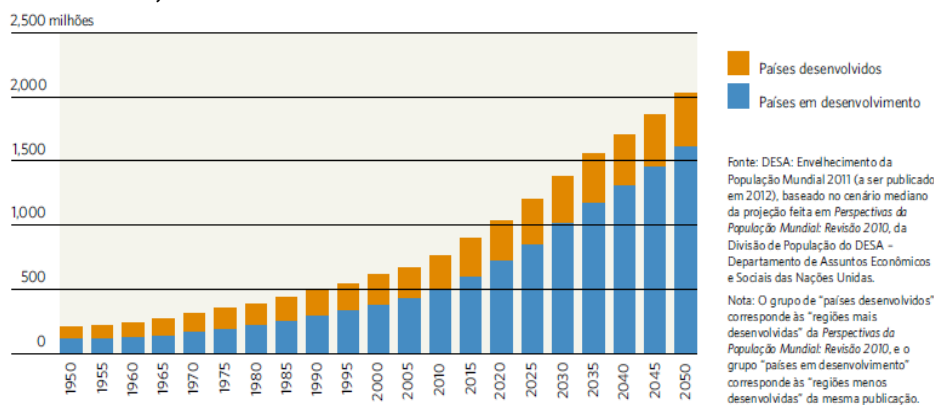
A taxa bruta de natalidade tem nas últimas duas décadas decrescido, sendo essa queda mais acentuada a partir de 2010.

Se em Portugal assiste-se a um decréscimo da população nos últimos anos, conforme comprova o Instituto Nacional de Estatística (INE), éramos 10.573.479 em 2009 e em 2012 a população residente caiu para os 10.487.289 habitantes (Gráfico1), o que representa em 4 anos uma redução de 0,82% que segundo as estimativas será mais acentuada nos próximos anos, por força da crise financeira, que levou a um fluxo migratório muito acentuado para fora de Portugal, bem como o decréscimo da taxa de natalidade (Gráfico 2).

2.2.2 O envelhecimento da população e o seu impacto nos sistemas de pensões

O gráfico 3 apresenta as perspetivas das Nações Unidas quanto à evolução das pessoas com 60 anos ou mais, com base nos dados desde 1950 até 2050.

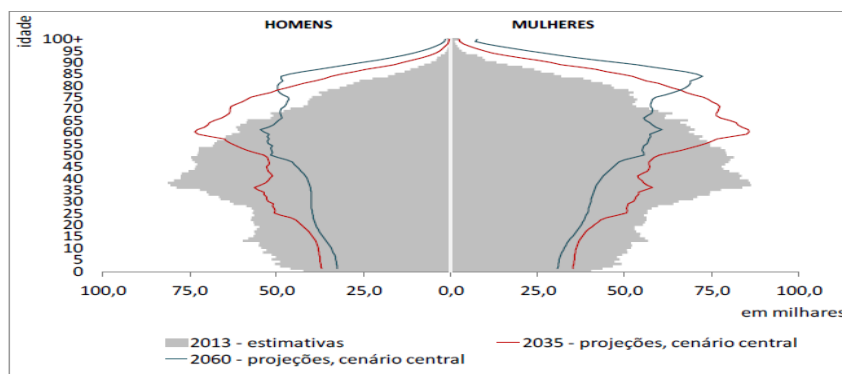
Gráfico 3 – Número de pessoas com 60 anos ou mais: Mundo, países desenvolvidos e em desenvolvimento, 1950-2050



Fonte: DESA/ONU

A figura 3 reflete a estimativa da pirâmide etária em Portugal no ano de 2013 (estimativa) e as projeções para os anos de 2035 e 2060.

Figura 3 – Pirâmide etária, Portugal, 2013 (estimativas), 2035 e 2060 (projeções, cenário central)



Fonte: INE

A estes fatores demográficos, como o aumento da população e os fluxos migratórios, junta-se o fator aumento da esperança de vida que se traduz num enorme desafio para a literacia financeira. Os cidadãos passam a usufruir de um maior número de anos a auferir reformas. Isto “significa que este grande grupo de reformados vai passar mais tempo na situação de reforma, que as anteriores gerações, e em face disso necessitam ser apoiados durante mais tempo” (OCDE,2005:29). Esta situação cria para a sociedade problemas de sustentabilidade financeira dos sistemas públicos de pensões e de segurança social e deverá levar a que quer os reformados, quer a população ativa, quer mesmo os jovens olhem para a poupança destinada à reforma, de uma maneira diferente da atual.

O paradigma da poupança para a reforma está a mudar, segundo Marcolin (2002,2-3) “os jovens, principalmente, devem compreender o básico sobre o investimento e o planeamento do futuro, inclusive a relação entre o risco e retorno, a diversidade entre investimentos de curto e de longo prazo e as consequências de não planear adequadamente a sua reforma.” Os atuais trabalhadores “deverão considerar não apenas os riscos e retornos dos investimentos, mas também à incerteza relativamente à esperança de vida, em relação ao risco, potenciais ganhos atuais e futuros, e quaisquer prováveis alterações às circunstâncias pessoais.” (OCDE,2005:31-32). Quanto aos que já estão na reforma ou próximo de a atingir, “têm necessidade de compreender como gerir o seu dinheiro depois de deixarem de trabalhar. Os atuais e potenciais reformados terão de ser preparados, pois necessitam de saber quanto dinheiro precisam para a sua reforma e têm de estar preparados para complementar as suas poupanças, se necessário for. Muitas vezes os reformados não têm conhecimento dos gastos que enfrentam se a sua reforma for reduzida.” (NEFE, 2002:20).

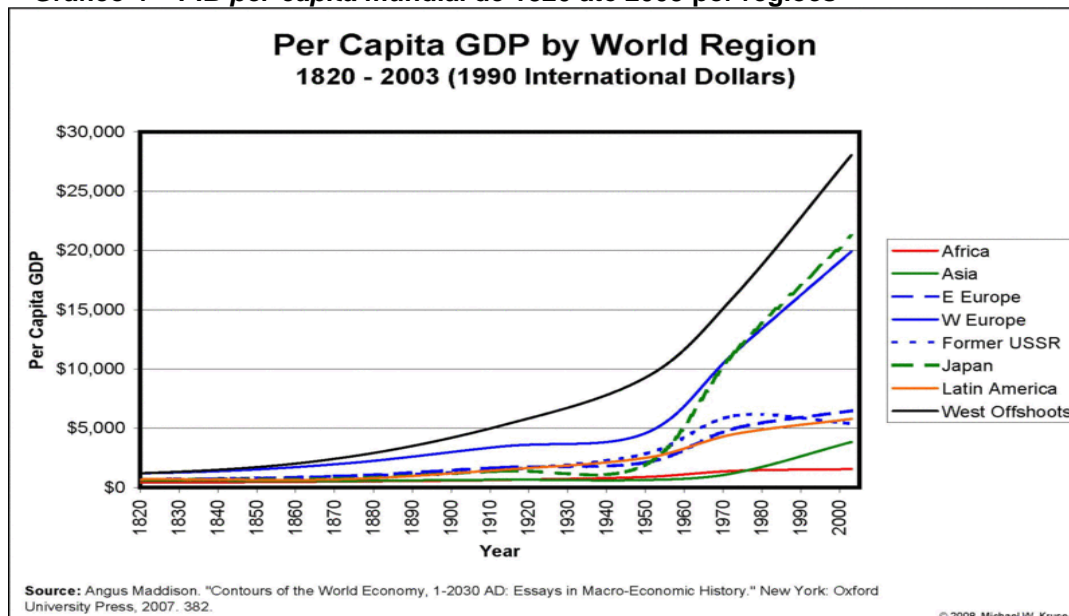
Conforme o gráfico 3 e a figura 2, as projeções de evolução das pessoas com mais de 60 anos nas próximas décadas, quer em Portugal quer no resto do mundo, apresentam evoluções semelhantes, o que fará com que as circunstâncias que estão a levar à alteração do paradigma da poupança para a reforma seja aplicável também a Portugal.

2.2.3 Alterações nos rendimentos

A acumulação de recursos financeiros pela geração pós Segunda Guerra Mundial, na qual houve a explosão de nascimentos, conduziu a um aumento do número de pequenos investidores em vários países. Outro fator que explica este aumento do número de investidores foi o aumento dos rendimentos pessoais, que ocorreu em muitos países durante a última década, originando que um grande número de pessoas disponha de rendimentos para investir. Em resultado deste crescimento de rendimentos, assistiu-se a um incremento da percentagem das famílias que efetuaram investimentos e conseqüentemente a um aumento da riqueza dessas famílias (OCDE 2005: 32-33)

O gráfico 4 apresenta a evolução do PIB *per-capita* mundial de 1820 até 2003 bem como a sua divisão por zonas geográficas.

Gráfico 4 – PIB *per-capita* mundial de 1820 até 2003 por regiões

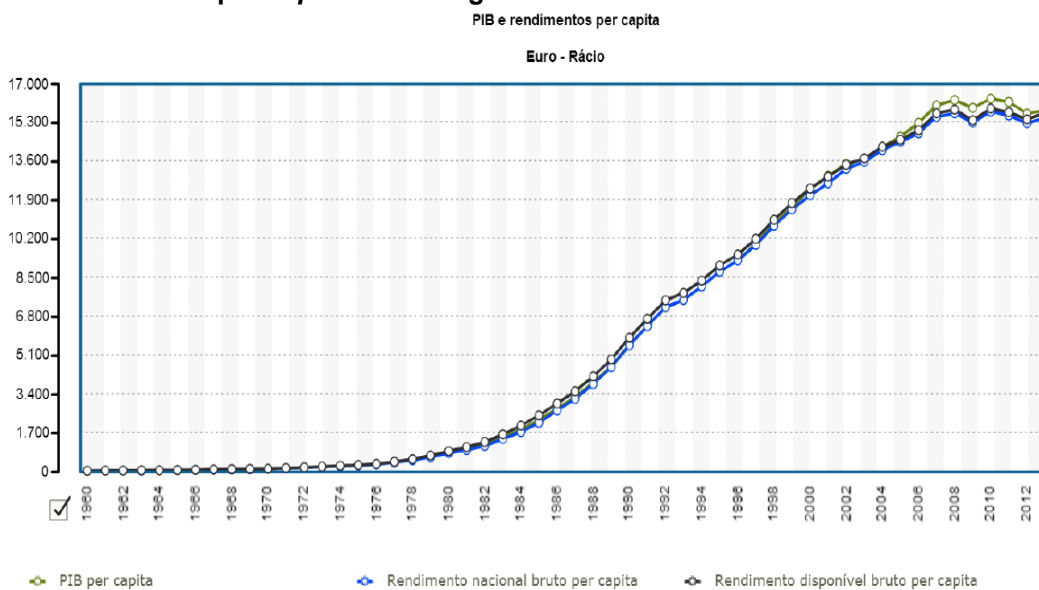


Fonte: Angus Madisson

Conforme se observa no gráfico 4, essa evolução ocorreu em praticamente todas as zonas geográficas do globo, com exceção de África, onde o rendimento *per-capita* se manteve praticamente inalterado ao longo dos últimos dois séculos.

O gráfico 5 apresenta a evolução do PIB *per-capita* em Portugal de 1960 a 2012.

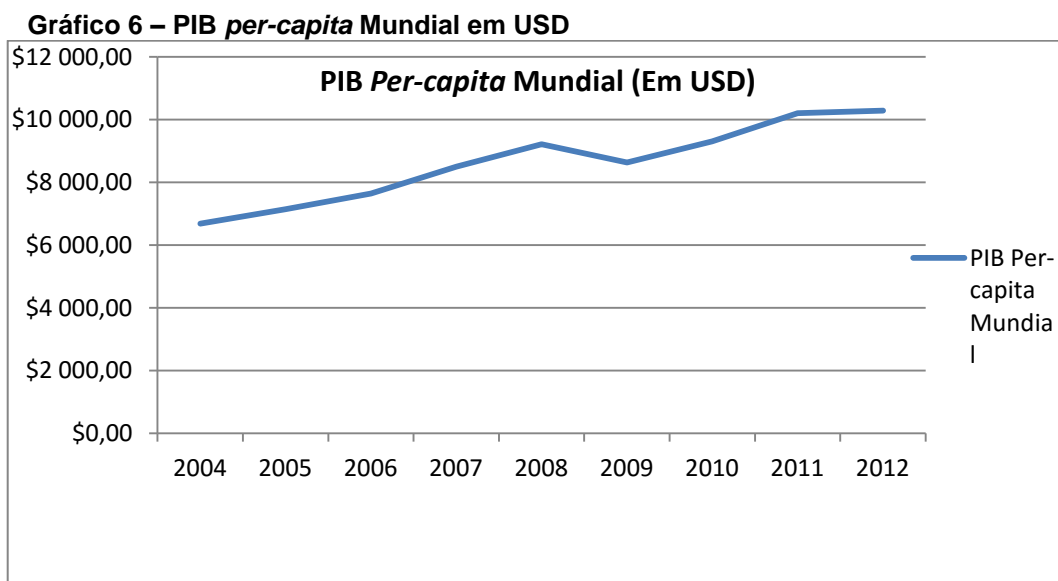
Gráfico 5 – PIB *per-capita* em Portugal – De 1960 a 2012



Fontes: INE-BP, INE, PORDATA

Do gráfico 5 verifica-se que essa evolução em Portugal também aconteceu à semelhança do resto do mundo, mas com a particularidade de o seu crescimento exponencial ter ocorrido a partir de meados da década de oitenta, enquanto a nível global esse “disparar” do crescimento inicia-se a partir de inícios da década de sessenta. Não será alheio a este fato a situação sociopolítica que Portugal viveu até 1974.

O gráfico 6 apresenta a evolução do PIB per-capita mundial em USD de 2004 a 2012.



Fonte: Dados do Banco Mundial (29/03/2014)

As formas como os rendimentos são obtidos pelos cidadãos também mudaram muito nos últimos anos. Não só por força do crescimento económico, mas também por via do emprego, do livre acesso aos mercados financeiros, aumentado assim o PIB *per-capita* ao nível global (Gráfico 6), mas também trazendo para a ordem do dia, problemas como o desemprego, o sobre-endividamento, as falências e um decréscimo da poupança.

2.2.4 Bem-estar financeiro

A figura 4 realça a importância que a *Australian Securities and Investments Commission* (ASIC) dá ao bem-estar financeiro.

Figura 4 – A interligação dos elementos que contribuem para o bem-estar financeiro.



Fonte: ASIC (2014)

A literacia financeira é uma habilidade essencial na vida quotidiana. Isso significa ser capaz de compreender e negociar o cenário financeiro, gerir o dinheiro e correr riscos financeiros de uma forma eficaz e responsável, além de perseguir e atingir objetivos financeiros e de estilo de vida. Porque literacia financeira é uma área relativamente nova, existem definições alternativas e que continuam a ser refinadas. A reação ao processo de consulta 2013 revelou que a maioria dos intervenientes concordaram que a definição utilizada na Estratégia de 2011 precisava ser atualizada. Em particular, as partes interessadas expressaram a opinião de que a definição revista deve reconhecer o papel das circunstâncias pessoais e do jogo de contexto na moldagem de atitudes e comportamentos, e ainda refletir o fato de que a construção da literacia financeira e bem-estar financeiro é um processo dinâmico e contínuo (ASIC 2014:6).

Bem-estar é um conceito com várias partes. De acordo com Van Praag *et al.* (2003) o bem-estar é proporcionado pela satisfação do indivíduo em seis áreas: negócios, finanças, casa, lazer, saúde e meio ambiente. McGregor e Goldsmith (1998) reconhecem o bem-estar como a inclusão

económica, física, social, aspeto emocional, ambiental, política e fatores espirituais. Como referido em ambas as referências, o bem-estar material é um dos aspetos do bem-estar e comodidade. Fergusson *et al.* (1981) descrevem bem-estar financeiro, como o nível de rendimentos financeiros e patrimoniais. Williams (1983) reconhece bem-estar financeiro em função de aspetos materiais e espirituais do *status* financeiro próprio e Hayhoe *et al.* (1990) definiram o bem-estar financeiro como a satisfação do sentimento de uma pessoa com a sua situação financeira. De acordo com Porter (1990), o bem-estar financeiro é uma atitude voltada para a situação financeira com base em aspetos objetivos e julgá-los em relação às normas. De acordo com Joo (1998) o conceito de bem-estar ou, por outras palavras, a percepção do bem-estar das pessoas varia de acordo com alteração do nível de vida das pessoas. No passado, bem-estar teve o significado de felicidade geral ou satisfação com situação financeira ou bens. Mas, no presente, o conceito de bem-estar mudou para aspetos materiais e não-materiais da percepção de uma pessoa, da sua situação financeira, melhorando a sua qualidade de vida e inclui percepções, tais como: capacidade de atender às necessidades, sentir-se seguro, sentir-se confortável e satisfeito com os rendimentos e o sistema de distribuição de prémios. Goldsmith (2000) define bem-estar financeiro como a adequação financeira e a segurança do indivíduo ou família que protege a pessoa contra riscos económicos, como o desemprego, a doença, a falência, a pobreza e a miséria na reforma.

Como estas definições indicam, a atitude para com o bem-estar financeiro é diferente entre os pesquisadores e, têm sido utilizados diferentes métodos para medir o bem-estar económico e o conforto. Um desses métodos é usar escalas objetivas ou de posição. A escala utiliza indicadores quantitativos visíveis a partir de uma situação financeira para determinar o nível de bem-estar financeiro. Por exemplo, o consumo de bens, património, economia, *status* socioeconómico, rendimentos, número de filhos e casa própria são contabilizados nos aspetos físicos do bem-estar financeiro (Van Praag *et al.*, 2003).

Outro método é a utilização de medidas subjetivas de medição do bem-estar financeiro. Bem-estar subjetivo refere-se a avaliação interna e subjetiva da quantidade de recursos financeiros da pessoa, que podem ser suficientes ou insuficientes e satisfatórios ou insatisfatórios. São usados certos conceitos e várias ferramentas para investigar o bem-estar subjetivo. Ardel (1997) sabe que a satisfação com a vida, a felicidade e o não sentir desconforto na vida é um bem-estar subjetivo. Brod *et al.* (1999) descreveram a qualidade de vida como a avaliação subjetiva geral de uma pessoa na sua vida em áreas gerais e específicas, tais como a vida social, finanças, trabalho ou condição de vida. George (1993) usou três escalas únicas, incluindo satisfação com o rendimento, a satisfação com a situação financeira e, o padrão de vida individual para medir o bem-estar subjetivo. Uma posição financeira satisfatória representa uma avaliação global da situação financeira. Satisfatório com os rendimentos, refere-se a avaliar o montante de rendimentos que uma pessoa recebe ou ganha regularmente. Satisfação com os padrões de vida deve-se a uma avaliação da quantidade e qualidade dos bens e serviços disponíveis ou no mercado.

Em relação a medidas objetivas e subjetivas de bem-estar financeiro é possível afirmar que o método objetivo fornecerá evidência mais tangível em comparação com o subjetivo e é mais fácil de entender por entrevistados. Em contraste considerar as medidas subjetivas provoca uma avaliação mais completa do bem-estar financeiro. Escalas que avaliam as percepções subjetivas, podem proporcionar um entendimento mais completo do comportamento do consumidor financeiro. Um investigador pode identificar os pontos de vista, sentimentos e percepções sobre o próprio *status* financeiro, utilizando variáveis que um indivíduo percebe e fornecer-lhe melhor, os sintomas e sinais de bem-estar.

Num estudo realizado no Irão, por Taft *et al.* (2013), chegaram a conclusão que, em primeiro lugar, existe uma relação positiva entre a idade e as variáveis de bem-estar financeiro e literacia financeira, estado civil e sexo e a variável da literacia financeira, e nível de escolaridade e variável de bem-estar financeiro e literacia financeira. Em segundo lugar, um maior nível de bem-estar financeiro é acompanhado de mais literacia financeira. Em terceiro, maior literacia financeira leva a menos preocupações financeiras e finalmente, maior bem-estar financeiro reduz as preocupações financeiras.

2.2.5 O aumento do número de produtos financeiros e da sua complexidade

Tem-se assistido ao longo dos últimos anos a uma desregulamentação dos mercados financeiros. Essa desregulamentação tem levado a uma redução de custos provocada pelo aparecimento e desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação. Como base nesses fatores assiste-se a um incremento e inovação de novos produtos e serviços financeiros. A *internet* como “veículo” de aproximação das instituições de crédito aos seus clientes incrementou não só a quantidade de informação disponibilizada como novas formas de contratação de produtos de investimento e de crédito. Para a OCDE (2005:29), a “diversidade de novos produtos financeiros fornece aos consumidores mais escolhas mas também mais desafios”.

Os consumidores passaram a ter acesso a mais produtos e serviços financeiros, os quais lhes são disponibilizados através de diversos canais de distribuição, que deixaram de ser apenas e só os balcões das instituições de crédito tradicionais, para passarem a ser também os bancos *on-line*, e as empresas de telefones móveis. Com estas alterações “os produtos disponíveis tornaram-se cada vez mais complexos, e os indivíduos são obrigados a fazer comparações entre uma série de fatores, tais como as taxas cobradas, taxas de juros pagas ou recebidas, duração dos contratos e exposição ao risco” (OCDE 2012:7-8).

Todos estes desenvolvimentos económicos e tecnológicos que se assiste a nível global alteraram comportamentos e interações entre os consumidores e os fornecedores de serviços financeiros. Os consumidores necessitam destes novos canais de acesso aos serviços financeiros “com o propósito de fazer e receber pagamentos eletrónicos, como ordenados, remessas e transações *on-line*. Aqueles que não conseguem aceder a tais serviços, muitas vezes pagam mais

pelas transações em dinheiro, utilizando-se serviços financeiros informais como agiotas” (OCDE 2012:8).

Com estas mudanças, as responsabilidades pelas grandes decisões financeiras foram passadas para os consumidores, passando as instituições financeiras a fornecer um maior número e mais complexo portfólio de produtos e serviços que leva a que “os indivíduos deverão ser suficientemente letrados financeiramente, para tomar as medidas necessárias para se protegerem a si e aos seus familiares, garantindo o seu bem-estar financeiro” (OCDE 2012: 6-7).

2.2.6 Mudanças no mercado de capitais

Nos países em vias de desenvolvimento, os mercados de capitais têm atraído cada vez mais consumidores, sendo que a sua experiência é bastante limitada, pois existe uma baixa consciência sobre produtos e serviços financeiros, bem como existe também uma desconfiança sobre os instrumentos financeiros modernos, que resulta de uma abordagem tradicional na forma de poupar dinheiro. Se acrescentarmos o muito baixo nível de literacia financeira dos investidores individuais desses países e a falta de informação e aconselhamento estes investidores arriscam bastante sofrerem perdas de capital. Por isso nesses países os “programas de educação financeira terão que lidar com as necessidades desses consumidores que vão exigir informações básicas sobre o funcionamento dos mercados financeiros, bem como informações sobre os diferentes tipos de investimentos e os riscos que eles acarretam”. (OCDE 2005: 34-35).

2.3 Estudos Empíricos

O estudo académico sobre a literacia financeira tem, nos últimos anos, ocorrido com cada vez maior frequência quer em países onde esta temática já é estudada há algumas décadas, bem como, cada vez mais, em Portugal.

Bird (2008) procurou medir o nível de literacia financeira dos estudantes universitários australianos, tendo como referência os alunos da Universidade de Wollongong. Utilizou o método do questionário, através de respostas *on-line* por parte dos inquiridos. Verificou, de um modo geral, os estudantes universitários tinham um bom nível de literacia financeira, sendo a compreensão financeira a determinante que apresentava resultados mais baixos.

Henriques (2010) procurou entender o nível de literacia financeira da população portuguesa. Para o efeito traçou o perfil da população relativamente ao conhecimento dos conceitos financeiros. Visou ainda conhecer eventuais fatores sociodemográficos que tivessem impacto nesta área do conhecimento. Verificaram que os principais fatores de impacto eram a idade, sexo, estado civil, habilitações literárias, situação profissional e área de rendimento. Constatou que o nível de literacia dos inquiridos era em geral baixo e, mesmo assim, estava ligeiramente sobre avaliado. Apesar disso os inquiridos atribuíam grande relevo à tomada de decisões financeiras e reconheciam que os seus conhecimentos na área eram insuficientes.

BdP (2011) procurou avaliar a literacia financeira da população portuguesa em termos de comportamentos, atitudes e conhecimentos financeiros. Foi utilizado o inquérito por questionário com 94 perguntas de escolha múltipla, tendo a amostra sido estruturada de acordo com as proporções identificadas no Censo 2001. Verificou-se que em média o Índice de Literacia Financeira Global foi de 58,01%. O estudo concluiu que o número de respostas incorretas dos entrevistados, em vez de admitirem que não sabem, poderia indicar que sobreavaliavam os seus próprios conhecimentos financeiros.

Machado (2011) procurou junto dos alunos do ensino secundário analisar sumariamente a sua capacidade para interpretar, ponderar e fazer escolhas financeiras. Recorreu ao método do questionário para a recolha de dados cuja população alvo foram alunos que frequentavam o 10º, 11º ou 12º ano em duas escolas públicas de Lisboa. Concluiu que as mães são o principal elemento do agregado familiar com responsabilidades financeiras e que os inquiridos utilizam como meio de pagamento preferencial o dinheiro.

Lopes (2012) efetuou uma análise prática das implicações da literacia financeira nas instituições de crédito portuguesas e na forma como estas lidam com a gestão do risco de crédito. Utilizou o método do estudo caso, aplicado a duas das principais instituições de crédito portuguesas. Conclui que existia uma forte preocupação das instituições analisadas, as quais efetuavam uma constante monitorização do processo relacionado com a concessão de crédito, não só por via de meios internos mas também do recurso a entidades externas credenciadas para a ponderação dos níveis de risco de cada operação, exigindo progressivamente garantias adicionais.

PISA (2012) mediu o nível de literacia financeira em 18 países, 13 dos quais pertencentes à OCDE. Pretenderam aferir se os jovens de 15 anos de idade sabiam como gerir o dinheiro. Verificaram que em 17 dos 18 países participantes rapazes e raparigas tinham competências semelhantes em literacia financeira.

Mendes (2013) procurou medir os níveis de Literacia Financeira dos Estudantes da Universidade do Porto. Identificou o comportamento financeiro e os padrões de atitudes nas áreas mais críticas do conhecimento. Baseou-se na técnica do questionário e na metodologia da OCDE, Banco de Portugal e PISA 2012. Verificou que os níveis de literacia dos estudantes da Universidade do Porto eram baixos. Em média apresentavam um *global financial literacy index* de 64,1%.

Ribeiro (2013) estudou a população escolar do 3º ciclo do ensino básico e secundário sobre o seu nível de literacia financeira, de forma a identificar as lacunas existentes no sistema de ensino e quais os tipos de formação adequados para que os jovens se tornem pessoas responsáveis financeiramente. A técnica utilizada foi a do questionário constituído por perguntas fechadas. Concluiu que a educação financeira deve ser incluída formalmente na rotina de educação em casa e na escola.

3 Metodologia

Neste capítulo menciona-se a metodologia aplicada na presente dissertação, com vista a atingir os objetivos do estudo. Para Vilelas (2009:43) a metodologia científica é um meio de se referenciar “as fases e os procedimentos que se seguem numa determinada investigação.”

3.1 Método de Investigação

Para a realização deste trabalho, foram utilizados vários métodos de investigação considerando os objetivos do mesmo. O principal método de investigação utilizado foi o método qualitativo que segundo Fortin (2003:22) “observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los”. Já para atingir os objetivos gerais do estudo, foi adotado o método descritivo, o qual segundo Vilelas (2009:122) procura “especificar as propriedades importantes das pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenómeno que seja submetido a análise. Avaliam diversos aspetos, dimensões ou componentes do fenómeno ou fenómenos a investigar”.

3.2 Método e técnicas de recolha de dados

Quanto aos procedimentos técnicos adotou-se o método bibliográfico. Conforme defende Vilelas (2009:123), “os estudos bibliográficos são elaborados a partir de material já publicado, constituído principalmente por livros, artigos de periódicos e, atualmente, de material disponibilizado na *Internet*.”. Considera-se que o inquérito por questionário neste estudo foi o mais adequado aos objetivos, pois segundo Vilelas (2009:133) “os inquéritos são exclusivos das ciências sociais e partem da premissa de que, se queremos conhecer algo do comportamento das pessoas, o melhor, o mais direto e o mais simples, é perguntá-lo diretamente a elas. Trata-se portanto de requerer informação a um grupo socialmente significativo de pessoas acerca dos problemas em estudo, para logo, mediante uma análise do tipo quantitativo ou qualitativo, retirar as conclusões que correspondem aos dados recolhidos.”

O instrumento de recolha de dados utilizado foi o inquérito por questionário, o qual foi apresentado presencialmente aos alunos dos cursos de Licenciatura em CF e Mestrado em Contabilidade e Finanças da ESCE/IPS.

3.3 Questionário

Antes da elaboração final do questionário, foi efetuado um teste piloto ao questionário, que teve por objetivo avaliar a recetividade e clareza das questões incluídas nessa versão preliminar. Apesar de ter sido apresentado apenas a 12 alunos que estavam presentes em sala do curso de MCF, o mesmo cumpriu os objetivos propostos.

O questionário utilizado no inquérito (Anexo 1) foi estruturado de forma a preencher os seguintes objetivos específicos:

- Aferir a inclusão financeira e os hábitos de gestão da conta bancária;
- Avaliar a capacidade de planeamento de despesas e de poupança;

- Avaliar a compreensão dos inquiridos sobre conceitos financeiros aplicados aos desafios que os estudantes universitários enfrentam no seu dia-a-dia e numa perspetiva futura de médio prazo.

Para a satisfação dos objetivos atrás enunciados o questionário está estruturado através de 35 questões de resposta múltipla da seguinte forma:

Tema	Nº de Questões
Caracterização do Entrevistado	11
Inclusão Financeira e Gestão de Conta	5
Planeamento de Despesas e Poupança	6
Compreensão Financeira	13
Total	35

Todas as perguntas que constam do questionário estão referenciadas no anexo 2.

3.4 População e Amostra

Neste subcapítulo define-se a população e identifica-se a amostra selecionada.

3.4.1 População

Os estudantes da Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE) do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS) inscritos em Contabilidade e Finanças, no 1º e 2º ciclo, no ano letivo de 2014/2015, constituíram a população alvo.

Na tabela 1, encontra-se definida a população alvo do presente estudo.

Tabela 1 – Universo de Alunos da ESCE que frequentaram a Licenciatura em Contabilidade e Finanças regimes diurno (LCF) e noturno (LCFN) e Mestrado em Contabilidade e Finanças (MCF), por género no ano letivo 2014/2015.

Licenciatura					
Contabilidade e Finanças					
	<i>Alunos Inscritos</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>
1º Ano	107	43	40,19%	64	59,81%
2º Ano	106	41	38,68%	65	61,32%
3º Ano	97	38	39,18%	59	60,82%
Sub Total (LCF)	310	122	39,35%	188	60,65%
Contabilidade e Finanças (Noturno)					
	<i>Alunos Inscritos</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>
1º Ano	39	10	25,64%	29	74,36%
2º Ano	35	10	28,57%	25	71,43%
3º Ano	30	7	23,33%	23	76,67%
4º Ano	41	12	29,27%	29	70,73%
Sub Total (LCFN)	145	39	26,90%	106	73,10%
Total (Licenciatura)	455	161	35,38%	294	64,62%
Mestrado					
Mestrado em Contabilidade e Finanças					
	<i>Alunos Inscritos</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>
1º ano	18	5	27,78%	13	72,22%
2º Ano	22	7	31,82%	15	68,18%
Total (Mestrado) (MCF)	40	12	30,00%	28	70,00%
Total (Licenciatura em CF + LCFN + Mestrado em CF)	495	173	34,95%	322	65,05%

Fonte: ESCE/IPS

Verifica-se que, em qualquer dos cursos, a maioria dos estudantes são do género feminino, sendo que na LCF essa percentagem é de cerca de 61%. No curso de LCFN essa percentagem aumenta para os 73%, fixando-se a percentagem de aproximadamente 65% de alunas nas

licenciaturas. Já no MCF a percentagem é a mais alta atingindo os 70% de alunos do género feminino.

Quanto ao número total de estudantes inscritos por curso, conta-se uma elevada diferença. É em LCF que se verifica um maior número de inscrições e em MCF um menor número. Isso explica-se, em parte, pelo facto de serem distintos os números de vagas que são disponibilizadas à entrada em cada curso. Em 2014/2015 na primeira fase existiam 75 vagas para a LCF e 40 vagas para a LCFN. No MCF foram disponibilizadas 35 vagas. A relação é no entanto idêntica a distribuição dos inscritos.

3.4.2 Amostra

A amostra do presente estudo é constituída pelos alunos que se encontravam em sala, entre os dias 2 de junho de 2015 e 10 de julho de 2015, inscritos nas licenciaturas em CF e Mestrado em CF, tendo-se obtido uma percentagem total de respostas de 55,15%.

A tabela 2 apresenta o número e percentagem de respostas ao questionário.

Tabela 2 – Número e % de respostas ao questionário.

Licenciatura			
Contabilidade e Finanças			
	Alunos Inscritos	Respostas	%
1º Ano	107	54	50,47%
2º Ano	106	64	60,38%
3º Ano	97	62	63,92%
Sub Total (LCF)	310	180	58,06%
Contabilidade e Finanças (Noturno)			
	Alunos Inscritos	Respostas	%
1º Ano	39	16	41,03%
2º Ano	35	21	60,00%
3º Ano	30	15	50,00%
4º Ano	41	29	70,73%
Sub Total (LCFN)	145	81	55,86%
Total (Licenciatura)	455	261	57,36%
Mestrado			
Mestrado em Contabilidade e Finanças			
	Alunos Inscritos	Respostas	%
1º ano	18	12	66,67%
2º Ano	22	0	0,00%
Total (Mestrado) (MCF)	40	12	30,00%
Total (Licenciatura em CF + LCFN + Mestrado em CF)	495	273	55,15%

Fonte: Elaboração própria

Verifica-se que foi elevada a percentagem de respostas obtidas, sobretudo, nos cursos de licenciatura (em torno dos 58%). Esta situação estará relacionada com o facto de o questionário ter sido apresentado em sala em dias de testes.

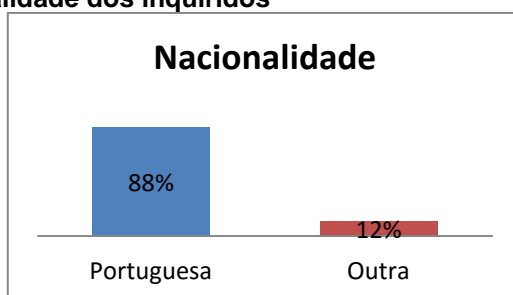
4 Análise e Discussão de Dados

Neste capítulo apresentam-se e analisam-se os resultados obtidos.

Os gráficos 7 a 17 evidenciam a caracterização dos entrevistados quanto à sua nacionalidade; grupo etário; género; estado civil; grau de ensino; situação laboral; e características sociodemográficas.

O gráfico 7 identifica a nacionalidade dos estudantes incluídos na amostra inscritos no ano letivo de 2014/2015.

Gráfico 7 – Nacionalidade dos inquiridos



Fonte: Elaboração própria

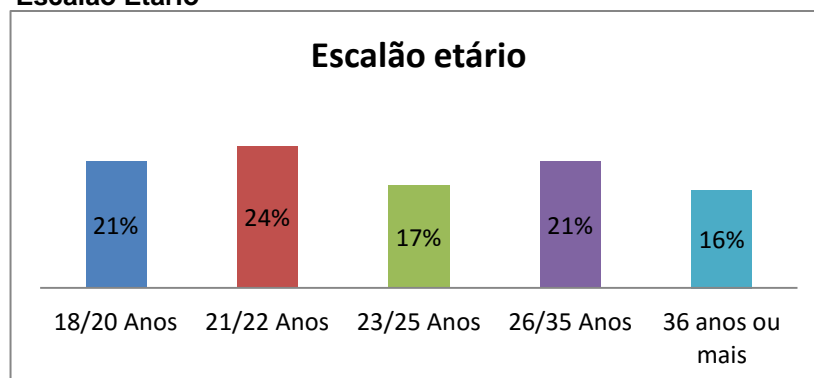
Os inquiridos tinham maioritariamente nacionalidade portuguesa (88%). Os restantes inquiridos tinham maioritariamente a nacionalidade angolana (28 dos 34 não portugueses). As outras nacionalidades dos inquiridos eram búlgaros, cabo-verdianos, chineses, guineenses, moldavos e russos.

No estudo de Mendes (2013) a percentagem de alunos com nacionalidade portuguesa encontrada era de 94% e os não portugueses representavam apenas 6%.

Verifica-se no presente estudo uma maior percentagem (12%) de não portugueses a responder ao inquérito.

No gráfico 8 identifica-se o escalão etário dos inquiridos que responderam ao questionário.

Gráfico 8 – Escalão Etário



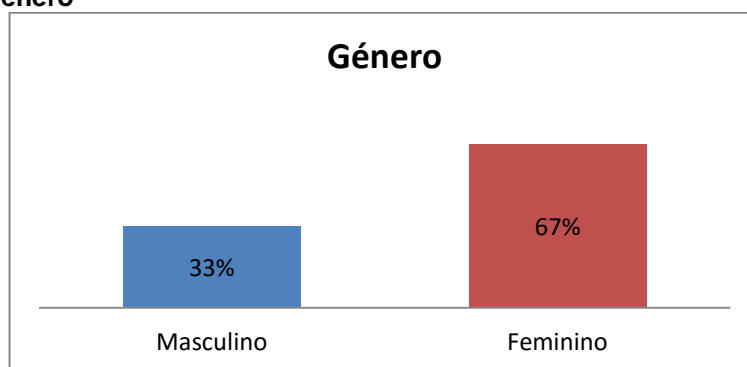
Fonte: Elaboração própria

Da análise efetuada aos resultados do escalão etário dos inquiridos verifica-se que maioritariamente, os mesmos têm até 25 anos de idade (cerca de 62%), sendo que os alunos até aos 22 anos representam 45% da amostra. De salientar que os inquiridos com mais de 36 anos, representam 16%.

Também, Mendes (2013) constatou que os inquiridos tinham maioritariamente idades inferiores a 25 anos (90%). No entanto, muito maior o peso dos jovens (até 25 anos).

No gráfico 9 identifica-se o género dos inquiridos.

Gráfico 9 – Género



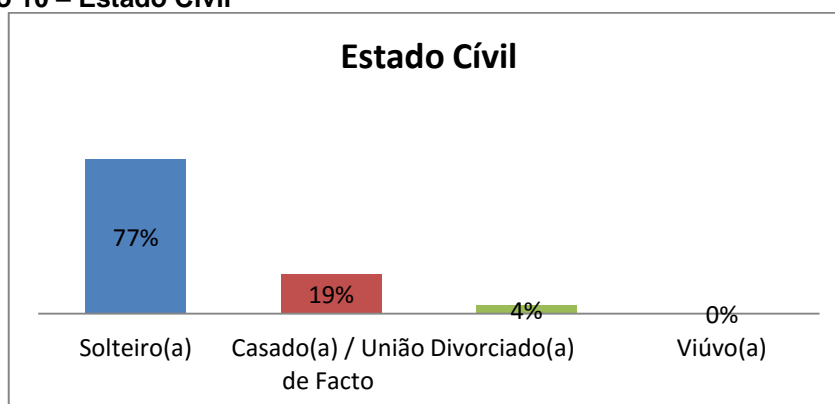
Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos 67% era do género feminino o que é, também, representativo da amostra em que 65% eram do género feminino e 35% do género masculino.

No estudo de Mendes (2013) os inquiridos eram 57% do género feminino e 43% do género masculino. Assim, no presente estudo, o género feminino tem uma representatividade maior (10% mais).

O gráfico 10 apresenta o estado civil dos inquiridos.

Gráfico 10 – Estado Civil



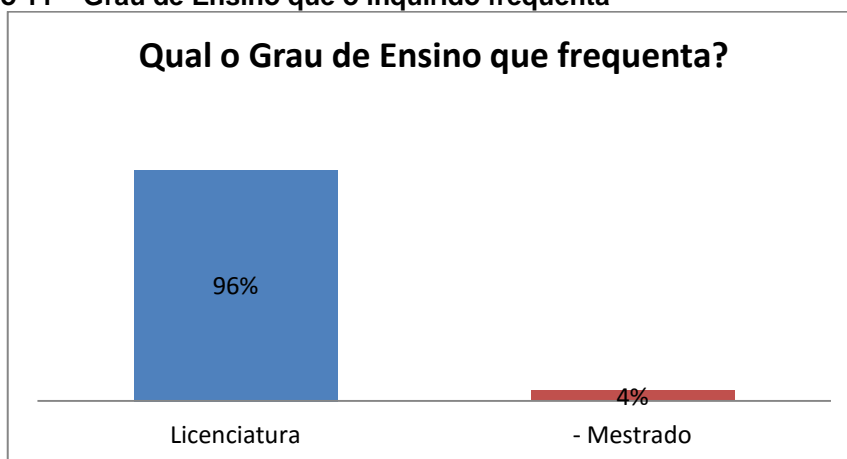
Fonte: Elaboração própria

Os resultados obtidos evidenciam que mais de 77% dos inquiridos eram solteiros, 19% viviam em união de fato ou eram casados. Os divorciados, representavam 4%.

Mendes (2013) verificou que os inquiridos eram na sua quase totalidade solteiros (96%) e os restantes tinham outro estado civil, sendo que esta diferença pode ser explicada com o nível etário mais baixo dos inquiridos.

O gráfico 11 identifica o grau de ensino que os inquiridos frequentam.

Gráfico 11 – Grau de Ensino que o inquirido frequenta

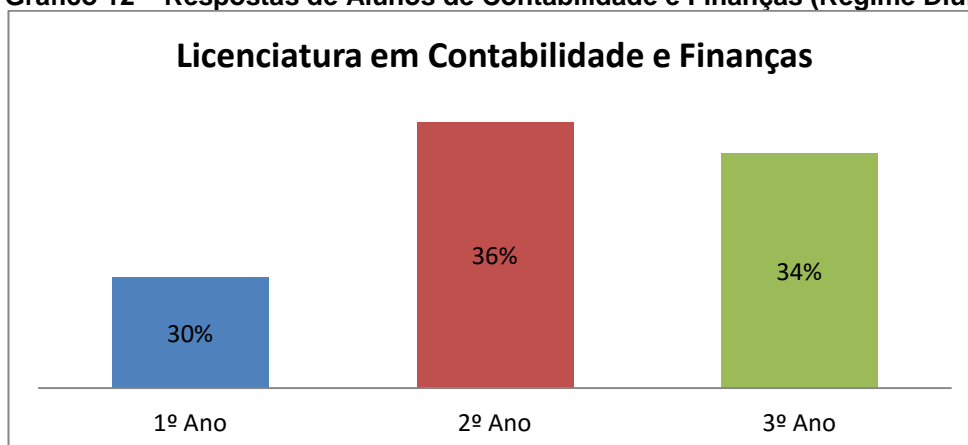


Fonte: Elaboração própria

Os inquiridos frequentavam maioritariamente a Licenciatura e, apenas, 4% o Mestrado. De referir que apenas responderam ao inquérito os alunos do 1º ano do Mestrado. Quando foram efetuados os inquéritos, os alunos do 2º ano encontravam-se na fase de elaboração de dissertações, pelo que não se encontravam na ESCE, inviabilizando a aplicação presencial do questionário.

O gráfico 12 evidencia o ano da Licenciatura em Contabilidade e Finanças (Regime Diurno) que os inquiridos frequentavam.

Gráfico 12 – Respostas de Alunos de Contabilidade e Finanças (Regime Diurno)

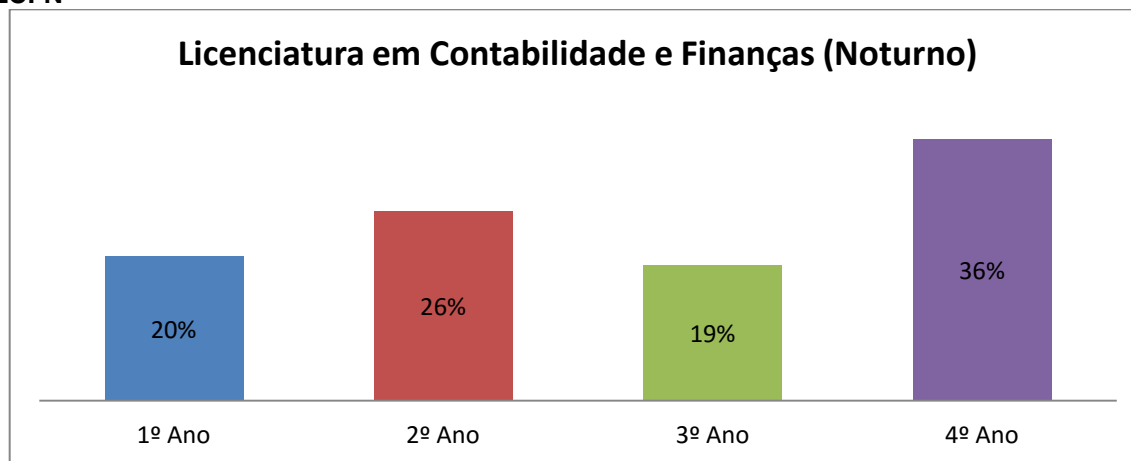


Fonte: Elaboração própria

Foi junto dos alunos do 2º ano que se obteve um maior número de participações no inquérito, com 36% das respostas, seguidos dos do 3º ano com 34%. Foi junto dos alunos do 1º ano que se obtiveram menos respostas, mas mesmo assim, 30% responderam ao questionário.

O gráfico 13 evidencia o ano da Licenciatura em Contabilidade e Finanças (Regime Noturno) que os inquiridos frequentavam.

Gráfico 13 – Respostas de Alunos de Contabilidade e Finanças (Regime Noturno) – LCFN



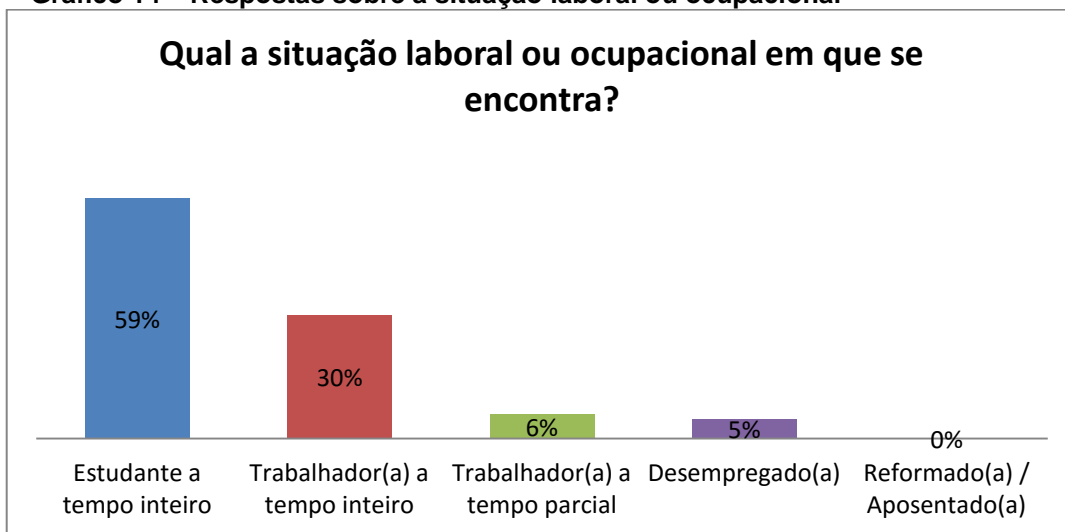
Fonte: Elaboração própria

Na LCFN obtiveram-se taxas de respostas de 36% dos alunos do 4º ano, de 26% dos alunos do 2º ano e, aproximadamente, a mesma taxa de respostas dos alunos do 1º e 3º ano, cerca de 20%.

Relativamente ao Mestrado em Contabilidade e Finanças, a totalidade das respostas obtidas foram dos alunos do 1º ano pois, como referido, quando foram efetuados os inquéritos os alunos do 2º ano encontravam-se na fase de elaboração de dissertações, pelo que não se encontravam na ESCE

O gráfico 14 identifica a situação laboral/ocupacional dos inquiridos.

Gráfico 14 – Respostas sobre a situação laboral ou ocupacional

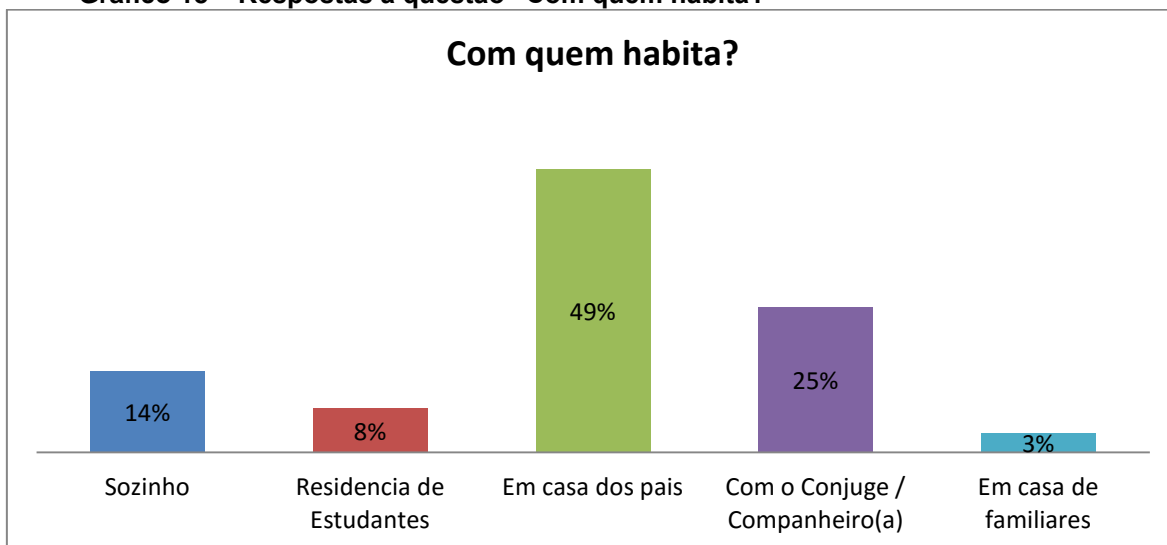


Fonte: Elaboração própria

A maioria (59%) dos inquiridos eram estudantes a tempo inteiro. É significativo o facto de 30% dos inquiridos serem trabalhadores a tempo inteiro. Já 5% dos inquiridos encontravam-se na situação de desemprego.

O gráfico 15 identifica a situação habitacional dos inquiridos.

Gráfico 15 – Respostas à questão “Com quem habita?”

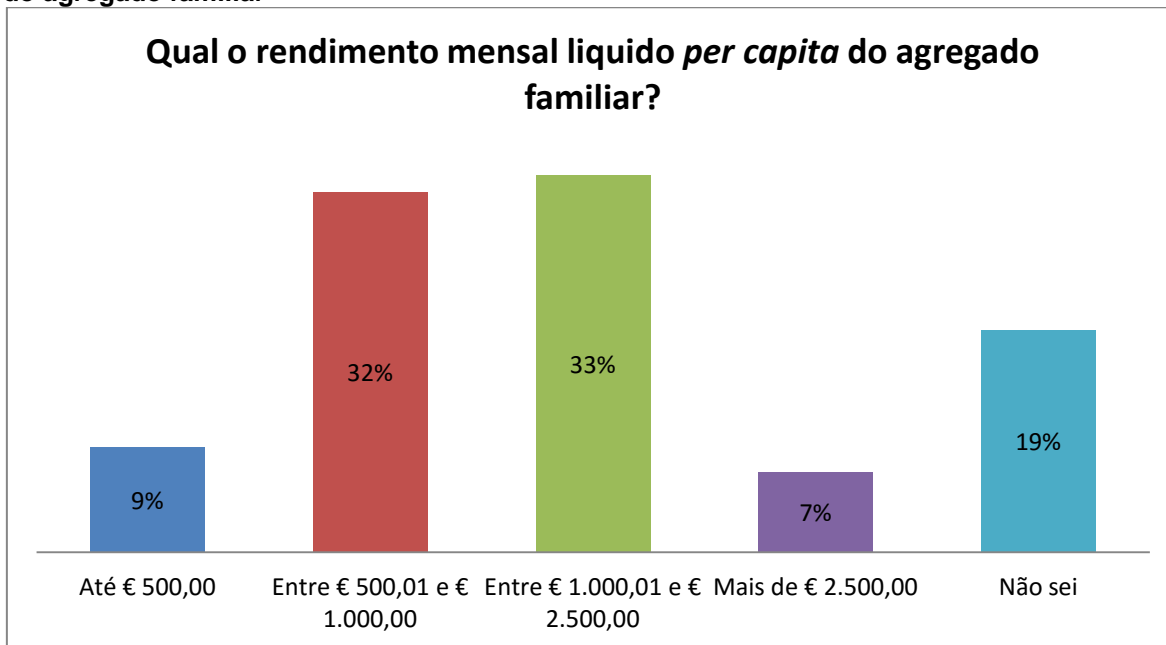


Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos, 49% viviam ainda em casa dos pais e 25% com o cônjuge ou companheiro(a). Significativo o facto de 14% dos inquiridos viverem sozinhos. A opção pela residência de estudantes ser de 8% e apenas 3% residirem em casa de familiares.

O gráfico 16 evidencia o nível de rendimento do agregado familiar dos inquiridos.

Gráfico 16 – Respostas à questão sobre qual o rendimento mensal líquido *per capita* do agregado familiar



Fonte: Elaboração própria

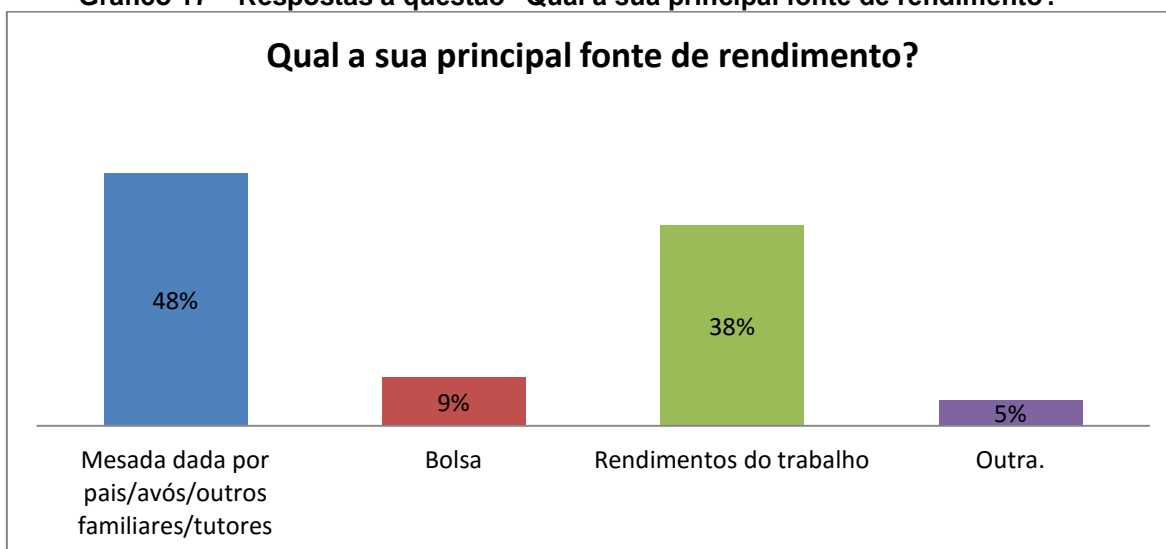
Constata-se que 33% dos inquiridos afirmaram que o seu agregado familiar auferia mensalmente entre os € 1.001,00 e os € 2.500,00 e 32% entre os € 501,00 e os € 1.000,00. É significativo que 19% dos inquiridos não soubessem quantificar o rendimento mensal do seu agregado familiar.

Mendes (2013) constatou que 20% dos inquiridos afirmaram que o rendimento *per capita* do seu agregado familiar era inferior a € 500,00 e 31% entre os € 500,00 e os € 1.000,00. Já os agregados familiares com rendimentos entre os € 1.000,00 e os € 2.500,00 representavam 26 % das respostas e só 7% dos agregados familiares tinham rendimentos acima dos € 2.500,00. É significativo, também, que 15% dos inquiridos afirmarem desconhecimento quando aos rendimentos do seu agregado familiar.

Comparativamente, no presente estudo, os agregados familiares com rendimentos inferiores a € 500,00 é muito inferior (9%) ao estudo de Mendes (2013) que é de 20%, equivalendo-se as percentagens no intervalo de rendimentos entre € 500,00 e € 1.000,00 que é de 32% contra 31%. Já nos rendimentos acima de € 2.500,00 existem uma coincidência de percentagem de respostas (7%). Mendes (2013) verificou um menor desconhecimento do rendimento do seu agregado familiar.

Identificam-se no gráfico 17 as fontes de rendimento dos inquiridos.

Gráfico 17 – Respostas à questão “Qual a sua principal fonte de rendimento?”



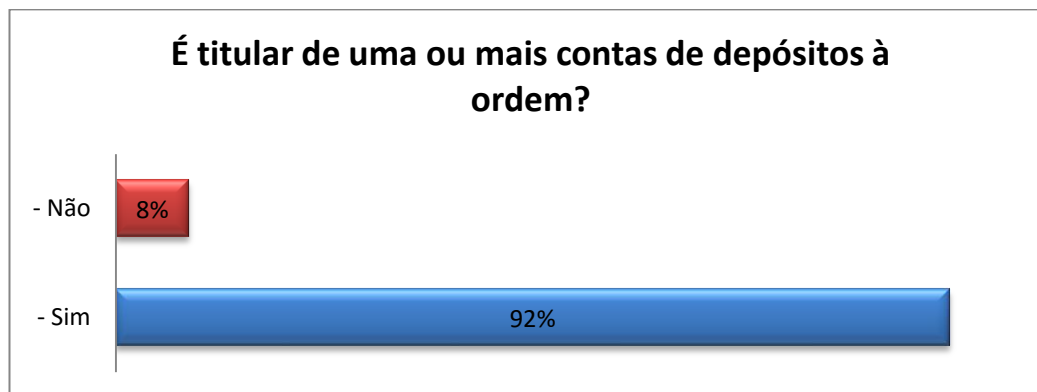
Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos quase metade (48%) tinham na mesada a sua principal fonte de rendimentos o que é consistente com o número dos que afirmaram que viviam ainda em casa dos pais. Enquanto aqueles que tinham como principal fonte de rendimento o trabalho atingiam os 38%. Finalmente os que beneficiavam de bolsa de estudo eram 9% dos inquiridos.

Nos gráficos 18 a 22 analisam-se os resultados relativos à inclusão financeira e à gestão de contas bancárias dos entrevistados.

Através do gráfico 18 afere-se a inclusão financeira dos inquiridos, procurando saber se eram ou não titulares de uma ou mais contas bancárias.

Gráfico 18 – Respostas à questão “É titular de uma ou mais contas de depósitos à ordem?”



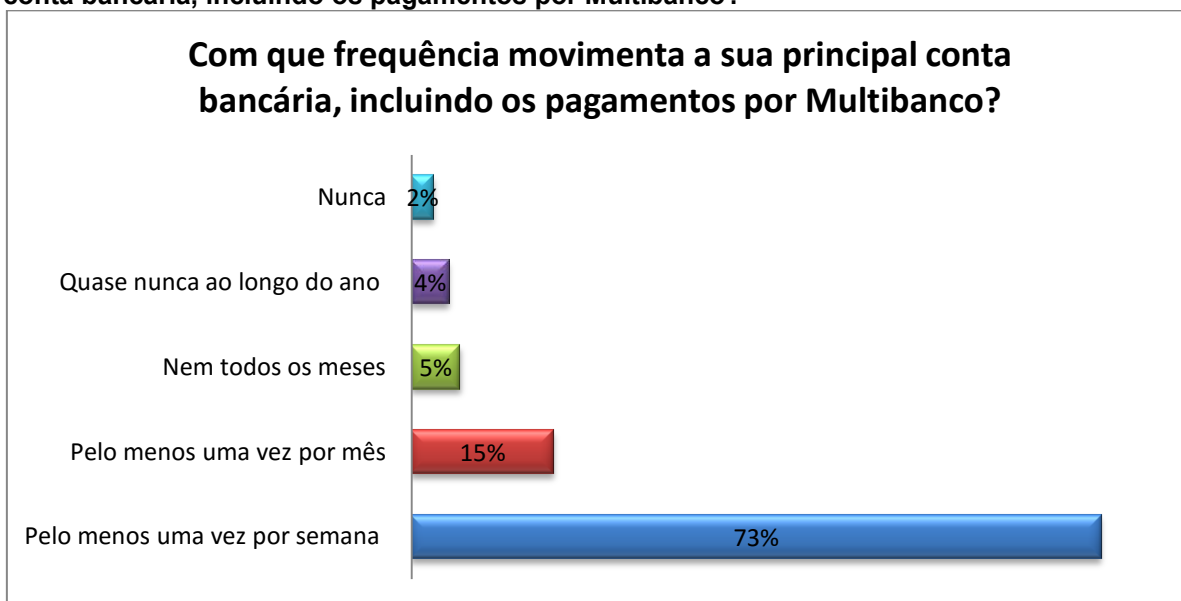
Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos 92% afirmaram serem detentores de pelo menos uma conta bancária, e os restantes (8%) afirmaram o contrário.

No estudo de Mendes (2013), 16% afirmaram não serem detentores de pelo menos uma conta bancária, o que revela uma maior inclusão financeira dos alunos da ESCE/IPS relativamente aos alunos da Universidade do Porto.

O gráfico 19 identifica a frequência com que os inquiridos movimentam a sua conta bancária.

Gráfico 19 – Respostas à questão “Com que frequência movimentam a sua principal conta bancária, incluindo os pagamentos por Multibanco?”



Fonte: Elaboração própria

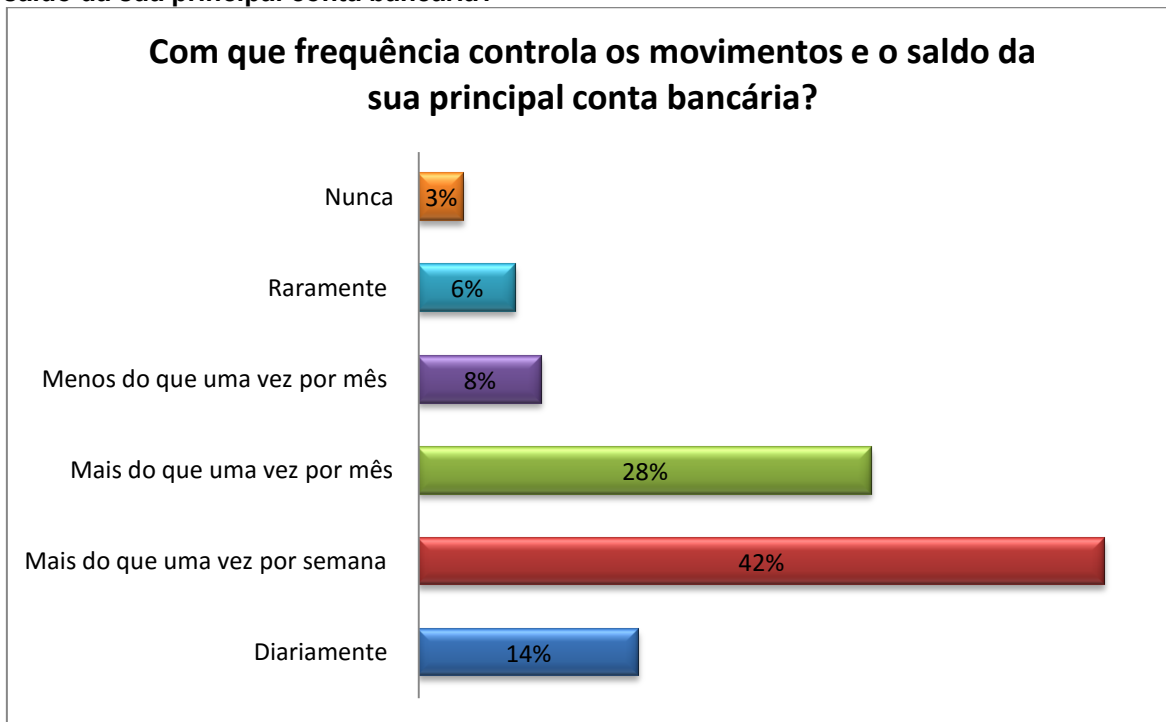
Dos inquiridos que têm conta bancária, 73% movimentam a sua conta bancária, pelo menos, uma vez por semana e 15%, pelo menos, uma vez por mês. De salientar que 3% dos inquiridos revelaram não movimentar a sua conta bancária.

No estudo do BdP (2011) a percentagem de inquiridos que movimentavam a sua principal conta bancária pelo menos uma vez por semana era de 61%, enquanto os que movimentavam pelo menos 1 vez por mês era de 33%.

Verifica-se, assim, que presente estudo é maior a percentagem de inquiridos no que movimentam a sua conta bancária pelo menos 1 vez por semana (73%).

O gráfico 20 identifica a frequência com que os inquiridos controlam os movimentos e saldos bancários.

Gráfico 20 – Respostas à questão “Com que frequência controla os movimentos e o saldo da sua principal conta bancária?”



Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos só 14% tem a preocupação de diariamente controlar os movimentos e saldos da sua conta bancária, 42% fá-lo mais de uma vez por semana, e 28% mais de uma vez por mês. Destaca-se o facto de 9% dos inquiridos raramente ou nunca ter essa preocupação.

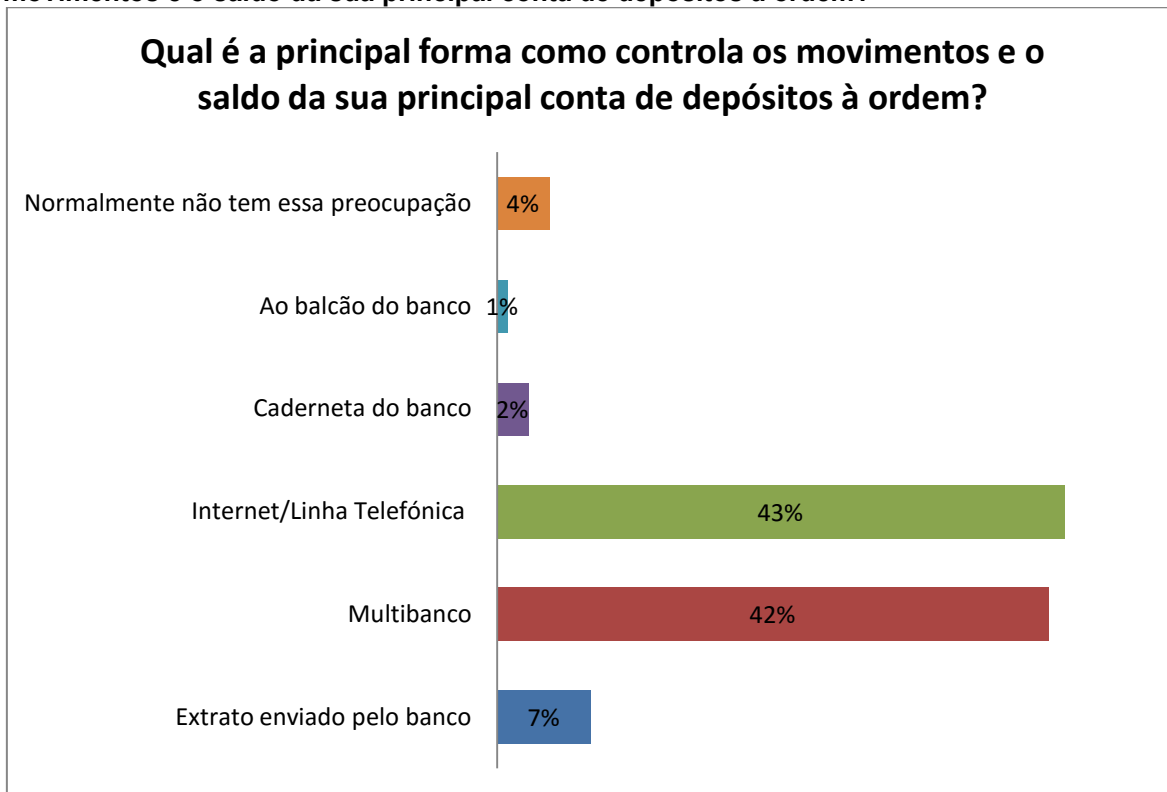
Mendes (2013) constata que 67% dos inquiridos afirmavam controlar a sua conta bancária pelo menos uma vez por semana e 26% pelo menos uma vez por mês. Só 6,4% raramente ou nunca efetuavam o controlo da sua conta bancária.

No estudo do BdP (2011) 7% dos inquiridos controlavam a sua conta bancária diariamente, 47% mais do que uma vez por semana e 38% mais do que uma vez por mês.

Verifica-se que no estudo presente existe comparativamente com o do BdP (2011) uma maior preocupação em controlar diariamente.

O gráfico 21 identifica as formas de controlo dos saldos e movimentos das contas bancárias por parte dos inquiridos.

Gráfico 21 – Respostas à questão “Qual é a principal forma como controla os movimentos e o saldo da sua principal conta de depósitos à ordem?”



Fonte: Elaboração própria

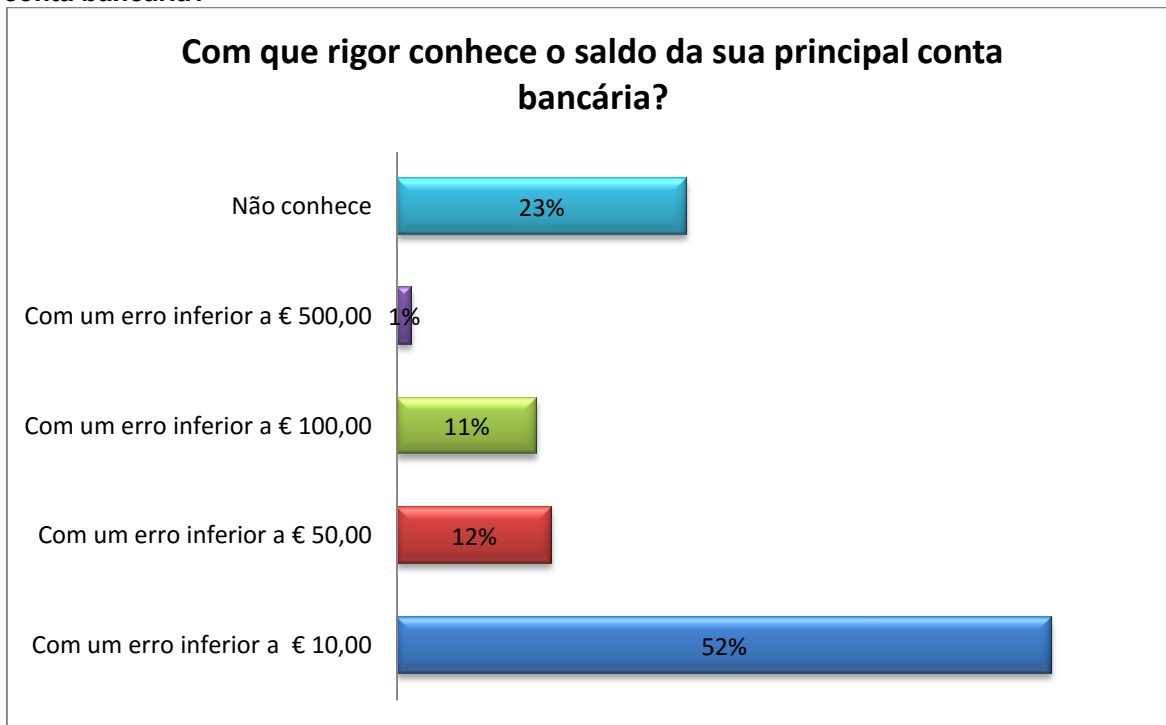
A *internet*/linha telefónica são o meio preferido para o controlo dos movimentos e dos saldos bancários para 44% dos inquiridos, seguindo-se o Multibanco (42%). O extrato bancário representa 7% das preferências e 4% não tem essa preocupação.

No estudo do BdP (2011) o Multibanco é o canal de controlo da conta bancária, com 50% de respostas e 27% através do extrato enviado em papel, representando controlo via internet apenas 8%.

Verifica-se que os inquiridos no presente estudo demonstram uma maior apetência (87%) para a utilização dos canais complementares (Multibanco e *Internet*) para controlo das suas contas bancárias, comparativamente aos inquiridos no estudo do BdP (2011) eram 58%.

O gráfico 22 identifica com que rigor os inquiridos conhecem o saldo da sua principal conta bancária.

Gráfico 22 – Respostas à questão “Com que rigor conhece o saldo da sua principal conta bancária?”



Fonte: Elaboração própria

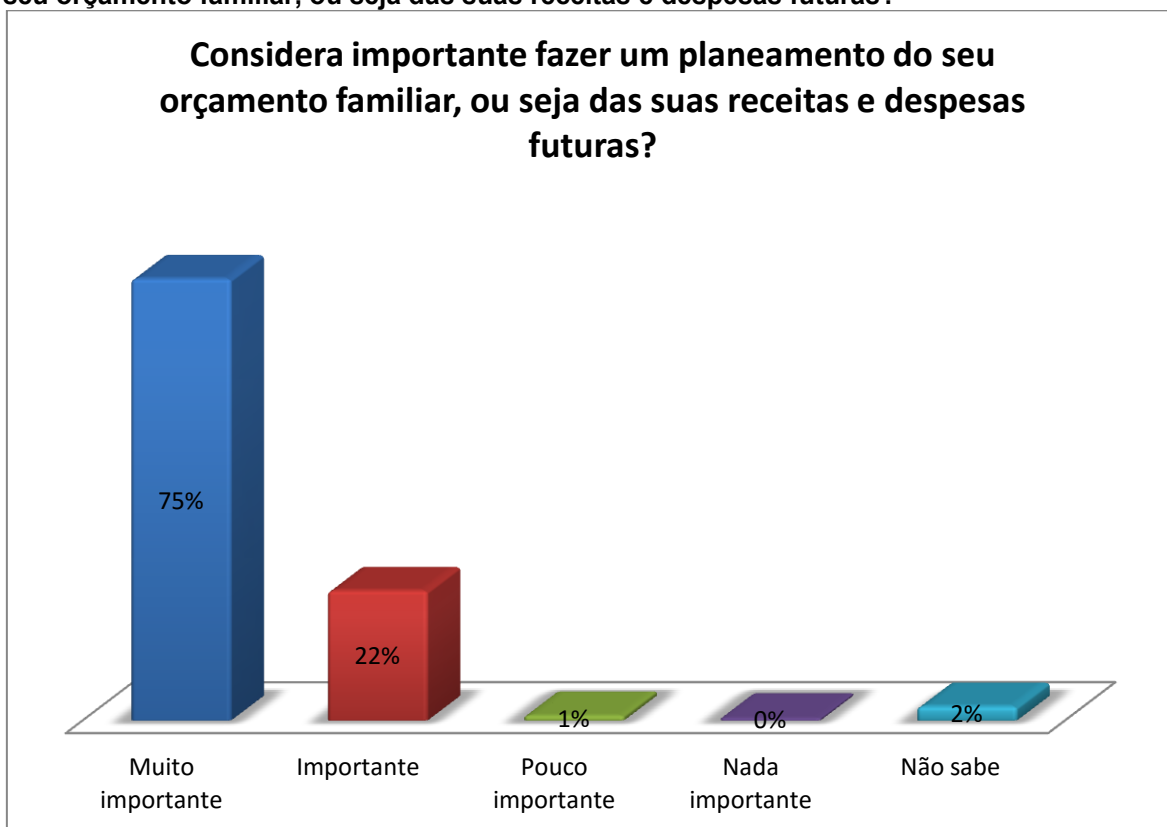
Mais de metade dos inquiridos (52%) afirmaram conhecer o saldo da sua principal conta bancária com um erro inferior a € 10,00 e 13 % com um erro inferior a € 50,00. Já 23 % dos inquiridos mostravam desconhecer com rigor o saldo da sua principal conta bancária.

No estudo do BdP (2011) 62 % dos inquiridos afirmou conhecer o saldo da sua principal conta bancária com um erro inferior a € 10,00 e 23% com um erro inferior a € 50,00. Só 7% não sabia ou não respondeu. Verifica-se comparativamente que os inquiridos do presente estudo possuíam uma percentagem de desconhecimento do saldo da sua conta bancária muito superior aos inquiridos no estudo do BdP (2011).

Nos gráficos 23 a 28 analisam-se os resultados quanto ao planeamento de despesas e poupança.

No gráfico 23 identifica-se a importância que os inquiridos davam ao planeamento do seu orçamento familiar.

Gráfico 23 – Respostas à questão” Considera importante fazer um planeamento do seu orçamento familiar, ou seja das suas receitas e despesas futuras?”



Fonte: Elaboração própria

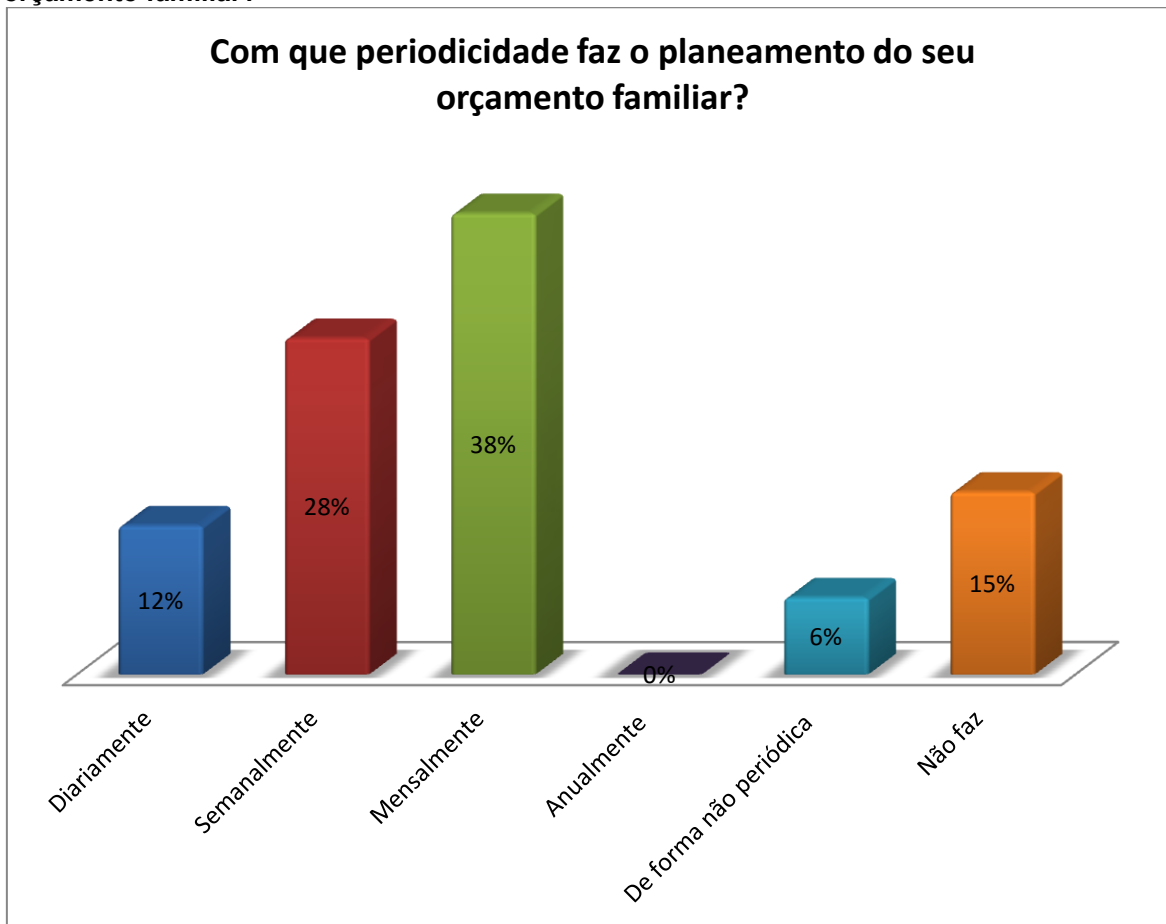
Para 97% dos inquiridos era muito importante ou importante efetuar um planeamento do seu orçamento familiar. Só 2% não sabiam se era ou não importante.

Já no estudo de Mendes (2013) só 37% consideravam muito importante efetuar um planeamento do seu orçamento familiar e 50% consideravam só importante essa atitude.

Comparativamente, os inquiridos no estudo presente davam uma importância maior ao planeamento do orçamento familiar que os inquiridos por Mendes (2013).

O gráfico 24 evidencia a periodicidade com que os inquiridos fazem o planeamento do seu orçamento familiar.

Gráfico 24 – Respostas à questão “Com que periodicidade faz o planeamento do seu orçamento familiar?”



Fonte: Elaboração própria

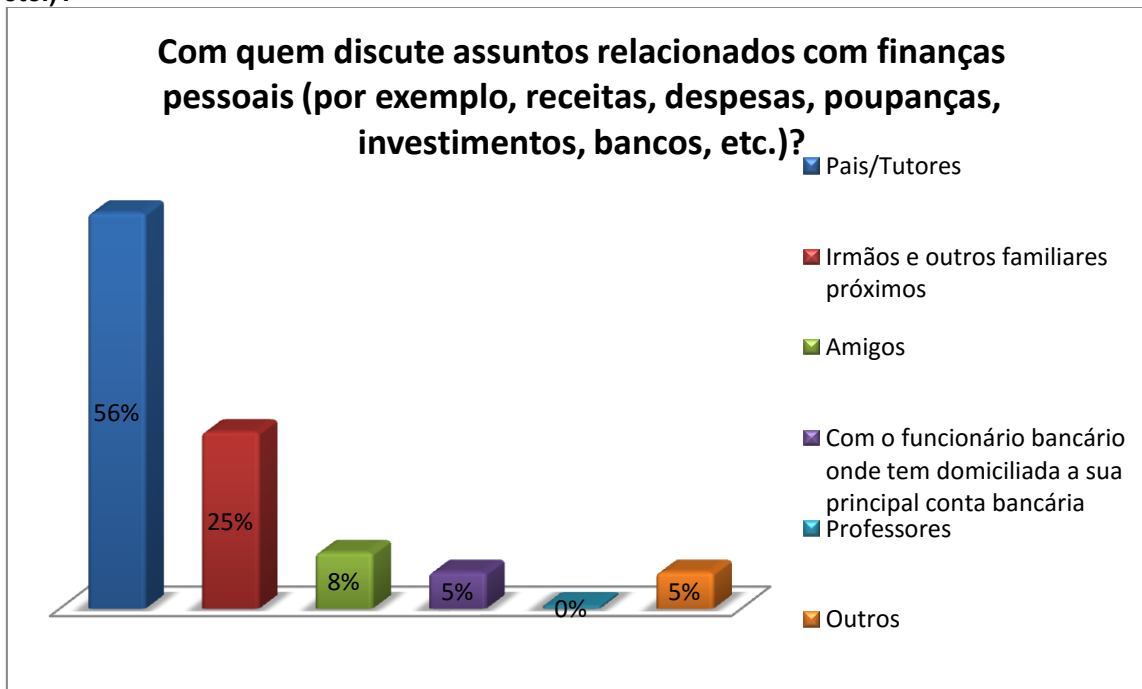
Dos inquiridos 38% faziam o planeamento do seu orçamento familiar mensalmente e 28% semanalmente, sendo que 15% afirmavam não efetuar qualquer planeamento do seu orçamento familiar.

As respostas ao inquérito do BdP (2010) permitem constatar que 46% dos inquiridos fazia o seu planeamento mensalmente e 22% semanalmente, enquanto 15% afirmou não o fazer.

Comparativamente os inquiridos no presente estudo mostravam uma maior preocupação em fazer o seu planeamento financeiro semanalmente, o que terá a ver com a condição de os mais jovens viverem na sua grande maioria de mesadas ou semanadas que lhes são atribuídas pelos pais.

No gráfico 25 são identificados os “conselheiros” em finanças pessoais dos inquiridos.

Gráfico 25 – Respostas à questão” Com quem discute assuntos relacionados com finanças pessoais (por exemplo, receitas, despesas, poupanças, investimentos, bancos, etc.)?”

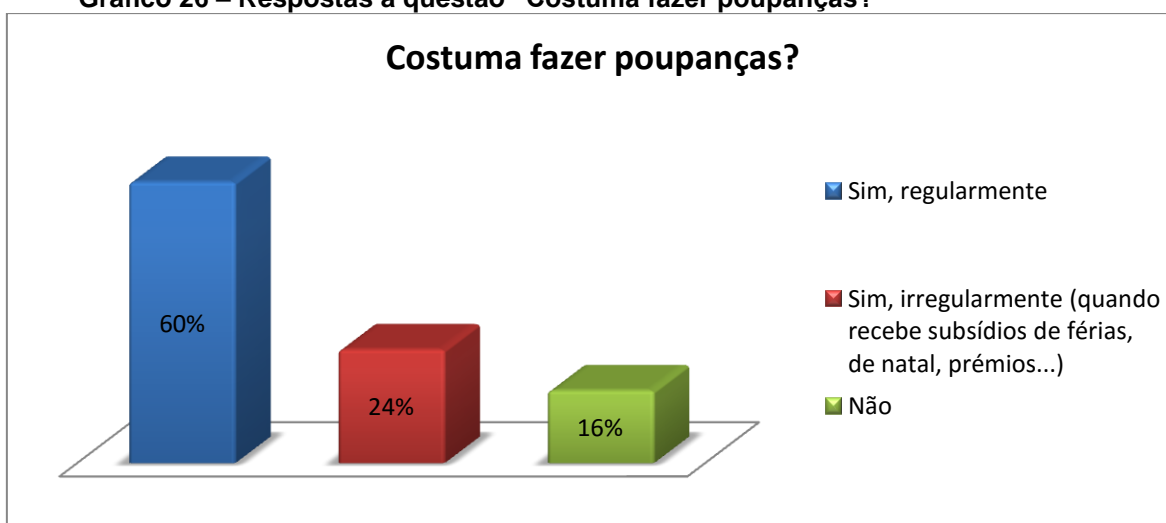


Fonte: Elaboração própria

Os pais/tutores eram para 56% dos inquiridos os seus principais conselheiros em finanças pessoais seguindo-se outros familiares diretos como preferenciais para obter informação financeira. Só 5% recorriam ao funcionário bancário para obter aconselhamentos financeiros.

O gráfico 26 identifica os inquiridos que fazem poupanças.

Gráfico 26 – Respostas à questão” Costuma fazer poupanças?”



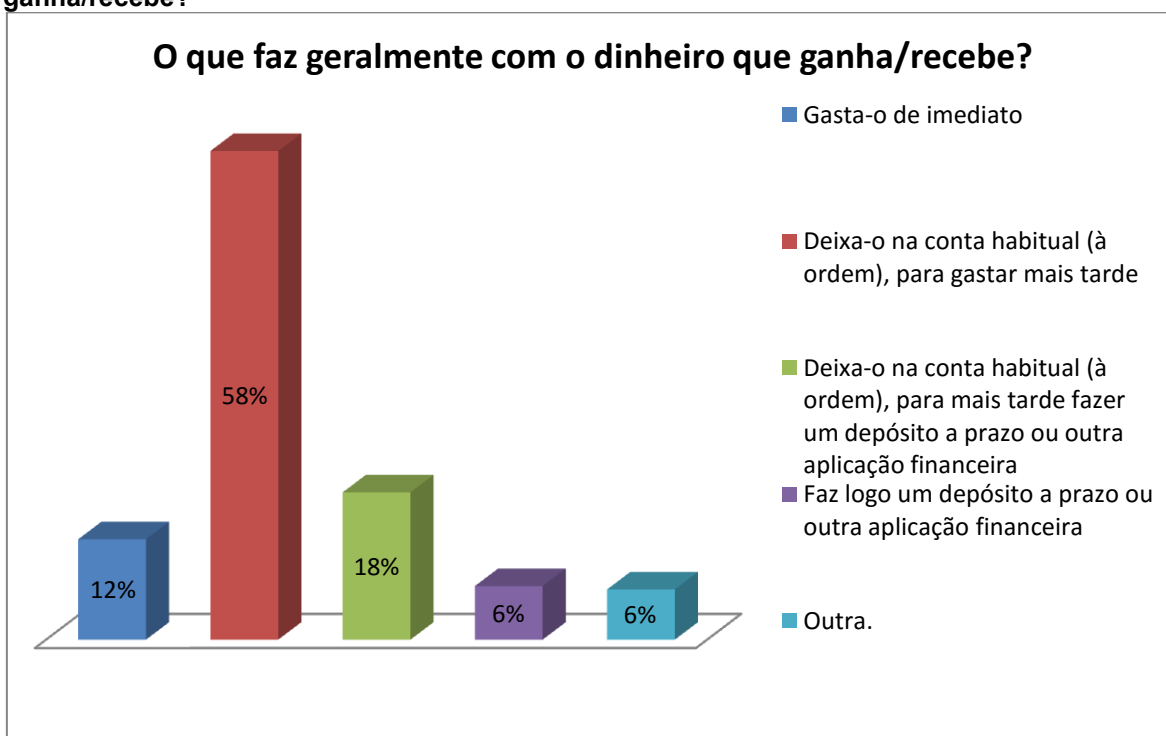
Fonte: Elaboração própria

Entre os inquiridos 60% afirmavam efetuar poupanças regularmente e 25% irregularmente, ou seja, só quando tinham acréscimos de rendimento como subsídios ou prémios. Dos inquiridos 16% não efetuavam poupanças.

A análise ao inquérito do BdP (2011) permitiu verificar, apenas, 52% dos inquiridos faziam poupanças regularmente. Nota-se, entre os inquiridos do presente estudo uma maior preocupação em efetuar poupanças.

O gráfico 27 identifica o destino que os inquiridos dão aos seus rendimentos.

Gráfico 27 – Respostas à questão “O que faz geralmente com o dinheiro que ganha/recebe?”



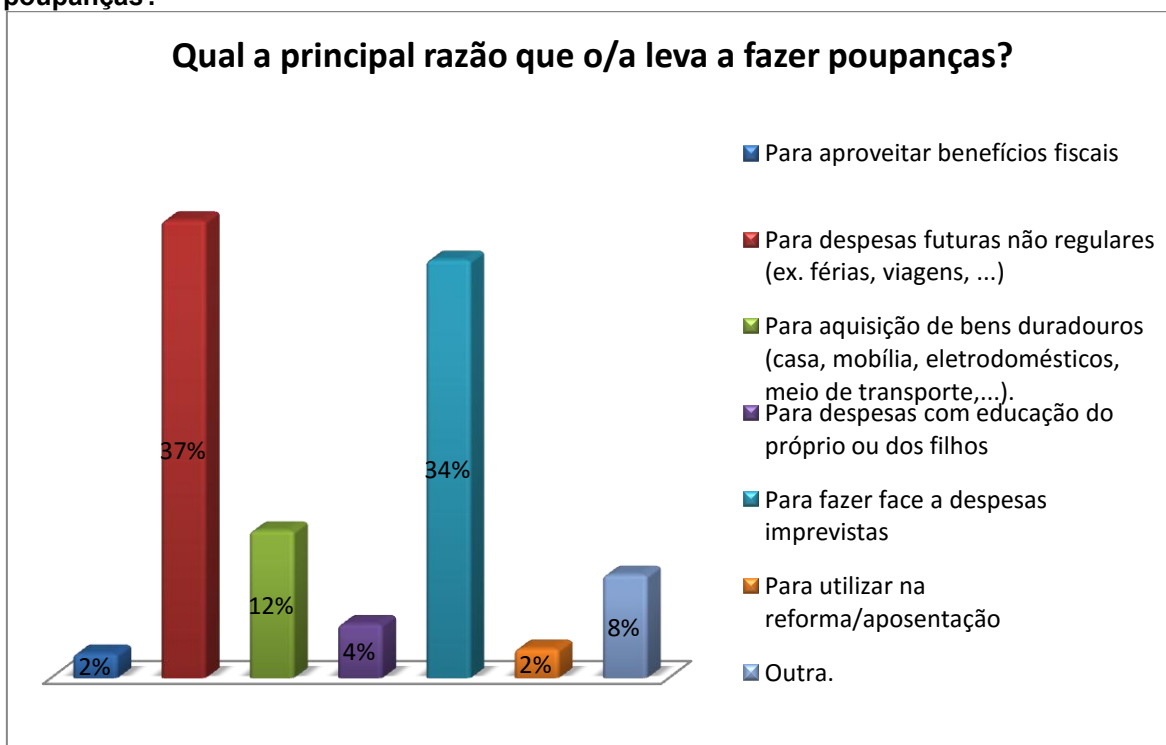
Fonte: Elaboração própria

Segundo 58% dos inquiridos os rendimentos que auferiam ficava numa conta depósitos à ordem para gastar mais tarde, sendo que só 12% gastava de imediato os seus rendimentos. Enquanto 18% dos inquiridos deixava os seus rendimentos numa conta depósitos à ordem com intenção de mais tarde efetuar uma poupança e 6% mal tinha os seus rendimentos disponíveis efetuava logo uma poupança.

Só 3% dos inquiridos que responderam ao inquérito do BdP (2011) gastavam os seus rendimentos de imediato e 54% deixa na sua conta à ordem para gastar mais tarde. No presente estudo a percentagem dos que gastavam de imediato os rendimentos que auferiam, é quatro vezes superior aos inquiridos no estudo do BdP (2011), o que se explicará pelo facto de auferirem semanadas ou mesadas.

O gráfico 28 identifica as razões que levavam os inquiridos a efetuarem poupanças.

Gráfico 28 – Respostas à questão “Qual a principal razão que o/a leva a fazer poupanças?”



Fonte: Elaboração própria

Para 37% dos inquiridos a principal razão que os levava a efetuar poupanças era a satisfação de despesas como férias e viagens. Já para 34% a principal motivação era para fazer face a despesas imprevistas. As despesas com educação constituíam para 4% dos inquiridos a sua principal razão para poupar e 3% tinham preocupações com a reforma/aposentação.

No estudo elaborado pelo BdP (2011) a maioria dos inquiridos (58%) poupava para fazer face a despesas imprevistas enquanto para apenas 15% a poupança destinava-se a fazer face a despesas futuras não regulares. Verifica-se no presente estudo que o destino das poupanças dos inquiridos é principalmente para fazer face a despesas futuras não regulares o que se explicará pela idade dos inquiridos.

Nas tabelas 3 a 15 apresentam-se as percentagens de respostas certas às questões relacionadas com a compreensão financeira dos inquiridos. As respostas corretas são evidenciadas a negrito.

Na tabela 3 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com contas de depósitos à ordem no que respeita ao conhecimento do significado de “Saldo Disponível”

Tabela 3 – Respostas à questão “O que é o Saldo Disponível de uma conta de depósitos à ordem?”

D1 - O que é o Saldo Disponível de uma conta de depósitos à ordem?	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
É o saldo que o cliente pode utilizar, incluindo uma autorização de descoberto bancário.	22%	13%	24%	19%	19%	27%	28%	33%	58	21%
É o valor existente na conta de depósitos à ordem do cliente que este pode movimentar sem estar sujeito ao pagamento de juros, comissões ou quaisquer outros encargos pela sua utilização.	56%	55%	53%	44%	57%	33%	34%	42%	137	50%
É o resultado do somatório dos movimentos a crédito e a débito efetuados na conta depósitos à ordem que reflete a posição do cliente titular da conta face ao seu banco, podendo, por isso, assumir valor positivo ou negativo	17%	27%	15%	25%	19%	33%	34%	25%	61	22%
Nenhuma das opções anteriores.	6%	6%	8%	13%	5%	7%	3%	0%	17	6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos apenas 50 % acertou na resposta correta, ou seja na segunda alternativa apresentada. Os inquiridos que frequentavam o 2º ano da LCFN com 57% e os do 1ª e 2ª ano da LCF com 56% e 55% respetivamente foram os que acertaram mais na questão. Os alunos dos 3º e 4º anos da LCFN foram os que menos acertaram na questão correta. Apenas 42% dos alunos do MCF acertaram na resposta correta, uma percentagem abaixo da média.

Na tabela 4 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com cartões de débito.

Tabela 4 – Respostas à questão “A Lisa recebeu na sua caixa de correio, o Código Pessoal (PIN) para o seu novo cartão de débito, enviado pelo seu banco. O que deve fazer Lisa com o PIN?”

D2 - A Lisa recebeu na sua caixa de correio, o Código Pessoal (PIN) para o seu novo cartão de débito, enviado pelo seu banco. O que deve fazer Lisa com o PIN?	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
Escrever o PIN num papel e coloca-lo na sua carteira	4%	5%	3%	6%	0%	7%	0%	0%	9	3%
Dizer o PIN aos seus amigos.	0%	2%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	1	0%
Escrever o PIN na parte de trás do cartão.	0%	0%	0%	0%	5%	0%	0%	0%	1	0%
Memorizar o PIN	96%	94%	97%	94%	95%	93%	100%	100%	262	96%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos 96% acertaram na resposta certa, no entanto ainda existiram 3% que em termos de segurança deram uma resposta errada e a menos aconselhável. Os inquiridos do MCF e do 4º ano da LCFN acertaram a 100% na resposta correta. Já os alunos do 3º ano da LCFN foram os que obtiveram menos respostas certas.

Na tabela 5 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com a utilização de cartões de crédito.

Tabela 5 – Respostas à questão “Qual dos seguintes utilizadores de cartão de crédito, é provável que pague, um maior valor em Euros com encargos financeiros por ano, se todos os cartões de crédito cobram o mesmo valor em comissões e taxas de juro?”

D3 - Qual dos seguintes utilizadores de cartão de crédito, é provável que pague, um maior valor em Euros com encargos financeiros por ano, se todos os cartões de crédito cobram o mesmo valor em comissões e taxas de juro?	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
A Jéssica, que paga pelo menos o valor mínimo em cada mês e paga mais quando tem dinheiro disponível	26%	14%	24%	13%	10%	7%	7%	8%	46	17%
A Vera, que geralmente paga o seu cartão de crédito na íntegra, mas às vezes, paga o mínimo quando está sem dinheiro.	13%	14%	13%	6%	10%	13%	7%	17%	33	12%
A Megan, que paga sempre o seu cartão de crédito na íntegra logo após receber o seu salário.	26%	41%	13%	63%	38%	33%	28%	8%	80	29%
O Erin, que só paga o valor mínimo mensalmente.	35%	31%	50%	19%	43%	47%	59%	67%	114	42%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos apenas 42% acertaram na resposta correta, sendo que o maior número de respostas certas foi dado pelos inquiridos que frequentavam o MCF (67% das respostas certas), seguidos dos alunos do 4º ano da LCFN. Os inquiridos com uma menor taxa de sucesso na resposta foram os alunos do 1º ano da LCFN.

Na tabela 6 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com o conhecimento sobre o significado de inflação.

Tabela 6 – Respostas à questão “Inflação alta significa que o custo de vida está a aumentar rapidamente.”

D4 - Inflação alta significa que o custo de vida está a aumentar rapidamente.	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
Verdadeiro	61%	73%	81%	63%	90%	53%	72%	67%	196	72%
Falso	39%	27%	19%	38%	10%	47%	28%	33%	77	28%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos 28% erraram a resposta. Os inquiridos que mais acertaram na resposta correta foram os inquiridos que frequentavam o 2º ano da LCFN com 90% seguidos dos alunos do 3º ano da LCF.

Na tabela 7 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com o conhecimento de inflação e o seu impacto em alguns grupos sociais.

Tabela 7 – Respostas à questão “A inflação pode causar dificuldades de muitas formas. Qual o grupo que teria maiores problemas durante os períodos de inflação alta que dure vários anos?”

D5 - A inflação pode causar dificuldades de muitas formas. Qual o grupo que teria maiores problemas durante os períodos de inflação alta que dure vários anos?	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
Os mais velhos e os casais que trabalham e poupam para a reforma	19%	22%	6%	6%	14%	7%	3%	0%	34	12%
As pessoas mais velhas que vivem de uma pensão de reforma fixa.	35%	41%	61%	50%	38%	33%	62%	58%	129	47%
Os casais jovens sem filhos em que ambos trabalham.	6%	6%	0%	6%	0%	7%	0%	8%	10	4%
Os casais jovens com filhos em que ambos trabalham.	41%	31%	32%	38%	48%	53%	34%	33%	100	37%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Apenas 47% dos inquiridos acertaram na resposta correta, sendo os alunos do 4º ano da LCFN com 62% e os do 3º ano da LCF com 61% os que tiveram uma maior percentagem de respostas certas. Já os inquiridos do 3º ano da LCFN foram os que menos acertaram na resposta correta com apenas 33%.

Na tabela 8 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com o conhecimento de inflação.

Tabela 8 – Respostas à questão “Imagine que a taxa de juro da sua conta poupança era de 1% por ano e a inflação foi de 2% por ano. Após um ano, com o dinheiro da sua conta seria capaz de comprar:”

D6 - Imagine que a taxa de juro da sua conta poupança era de 1% por ano e a inflação foi de 2% por ano. Após um ano, com o dinheiro da sua conta seria capaz de comprar:	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
Mais do que hoje	13%	9%	3%	0%	5%	7%	3%	8%	19	7%
Exatamente o mesmo que hoje	6%	6%	3%	13%	10%	7%	10%	8%	18	7%
Menos que hoje	61%	66%	81%	63%	62%	67%	86%	83%	193	71%
Não sabe	20%	19%	13%	25%	24%	20%	0%	0%	43	16%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos 71% acertaram na resposta certa e 16% afirmou não saber a resposta. Foram os inquiridos que frequentavam o 4º ano da LCFN que mais acertaram na resposta certa, com 86%. Pelo contrário, foram os inquiridos do 1º ano da LCF os que tiveram uma taxa de respostas certas mais baixa.

No estudo de Mendes (2013) responderam acertadamente 61% dos inquiridos, uma percentagem menor que no presente estudo que foi de 71%.

Na tabela 9 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com o conhecimento de inflação, poupança e decisões de investimento.

Tabela 9 – Respostas à questão “Se tivesse uma conta poupança num banco, qual das seguintes opções seria a correta sobre os juros que você ganharia com essa poupança?”

D7 - Se tivesse uma conta poupança num banco, qual das seguintes opções seria a correta sobre os juros que você ganharia com essa poupança?	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
Os juros das contas poupança não podem ser tributados.	46%	33%	19%	38%	38%	13%	17%	42%	84	31%
Os juros recebidos de uma conta poupança, são tributados em sede de Imposto Sobre o Rendimento de Pessoas Singulares (IRS).	33%	45%	60%	44%	62%	80%	76%	58%	145	53%
O Imposto Sobre o Valor Acrescentado (IVA) pode ser cobrado sobre os juros que você ganha.	13%	11%	8%	13%	0%	0%	7%	0%	23	8%
Você não pode ganhar juros, até à idade de 18 anos.	7%	11%	13%	6%	0%	7%	0%	0%	21	8%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Apenas 53% dos inquiridos acertaram na resposta correta, com os inquiridos que frequentavam o 3º ano da LCFN com 80% de respostas certas. Os inquiridos que frequentavam os primeiros anos das LCF e LCFN apresentaram as taxas mais baixas de respostas corretas com 33% e 44%, respetivamente.

Na tabela 10 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com decisões de investimento e cálculo financeiro.

Tabela 10 – Respostas à questão “Se investir € 1.000,00 hoje a uma taxa de 4% ao ano, o seu saldo dentro de um ano será:”

D8 - Se investir € 1.000,00 hoje a uma taxa de 4% ao ano, o seu saldo dentro de um ano será:	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
Maior se os juros forem compostos diariamente do que se for mensalmente	11%	22%	34%	19%	19%	13%	17%	17%	57	21%
Maior se os juros forem compostos anualmente do que se for trimestralmente	9%	30%	13%	13%	24%	13%	10%	42%	49	18%
€ 1.040,00, independentemente de como são calculados os juros	37%	22%	39%	19%	24%	27%	59%	42%	92	34%
€ 1.000,00, independentemente de como são calculados os juros	0%	0%	0%	6%	0%	0%	0%	0%	1	0%
Não sei	43%	27%	15%	44%	33%	47%	14%	0%	74	27%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos apenas 21% acertaram na resposta certa, com os alunos do 3º ano da LCF a obterem uma maior percentagem de respostas certas (34%). Já os alunos do 1º ano da LCF e do 3º ano da LCFN foram os que obtiveram uma menor taxa de respostas certas (11% e 13%, respetivamente).

No estudo de Mendes (2013) só 17% acertaram na resposta, um valor inferior em 4% à percentagem de respostas corretas obtidas no presente estudo.

Na tabela 11 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com produtos financeiros e análise de risco.

Tabela 11 – Respostas à questão “A Rebeca poupou € 12.000,00 para as suas despesas com a faculdade, trabalhando em *part-time*. Planeia começar os estudos no próximo ano e irá necessitar de todo o dinheiro que poupar. Qual a melhor forma de aplicar/guardar o dinheiro com o menor nível de risco?”

D9 - A Rebeca poupou € 12.000,00 para as suas despesas com a faculdade, trabalhando em <i>part-time</i> . Planeia começar os estudos no próximo ano e irá necessitar de todo o dinheiro que poupar. Qual a melhor forma de aplicar/guardar o dinheiro com o menor nível de risco?	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
Trancado no seu armário, em casa	7%	6%	0%	0%	0%	7%	3%	0%	10	4%
Comprar ações de empresas	4%	3%	0%	0%	0%	0%	3%	0%	5	2%
Comprar obrigações de empresas	4%	8%	2%	6%	10%	0%	0%	8%	12	4%
Numa conta poupança	70%	69%	90%	69%	71%	60%	93%	92%	211	77%
Não sei	15%	14%	8%	25%	19%	33%	0%	0%	35	13%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos 77% acertaram na resposta correta, sendo que 13% afirmaram que não sabiam. Os inquiridos do 4º ano da LCFN, do MCF e do 3º ano da LCF obtiveram taxas de respostas certas superiores a 9% enquanto os alunos do 3º ano da LCFN tiveram a mais baixa percentagem de respostas corretas com apenas 60%.

No estudo de Mendes (2013) 83% dos inquiridos deram a resposta certa, uma percentagem superior à encontrada no presente estudo.

Na tabela 12 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com diversificação de risco.

Tabela 12 – Respostas à questão “Considera a seguinte afirmação verdadeira ou falsa? “Comprar uma só ação de uma empresa, normalmente, proporciona um retorno mais seguro do que comprar uma Unidade de Participação de um Fundo de Investimento””

D10 - Considera a seguinte afirmação verdadeira ou falsa? “Comprar uma só ação de uma empresa, normalmente, proporciona um retorno mais seguro do que comprar uma Unidade de Participação de um Fundo de Investimento”	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
Verdadeiro	15%	16%	15%	0%	0%	20%	24%	25%	40	15%
Falso	28%	30%	60%	19%	43%	20%	41%	50%	104	38%
Não sei	57%	55%	26%	81%	57%	60%	34%	25%	129	47%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos apenas 38% acertou na resposta certa e 47% afirmaram perentoriamente não saber a resposta certa. Foram os inquiridos do 3º ano da LCF que obtiveram a maior taxa de

respostas corretas com 60%. Os inquiridos do 1º e 3º ano da LCFN foram os que obtiveram taxas de respostas certas mais baixa (19% e 20%, respetivamente).

No estudo de Mendes (2013) 38% acertaram na resposta, um valor exatamente igual ao do presente estudo.

Na tabela 13 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com indexantes, no caso em concreto com a definição de Euribor.

Tabela 13 – Respostas à questão “Na maioria dos empréstimos à habitação, a taxa de juro paga ao banco é indexada a uma taxa de referência, que normalmente é a “Euribor”. Diga se a Euribor:”

D11 - Na maioria dos empréstimos à habitação, a taxa de juro paga ao banco é indexada a uma taxa de referência, que normalmente é a “Euribor”. Diga se a Euribor:	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
É uma taxa definida pelo Governo Português	7%	2%	0%	6%	0%	0%	3%	0%	7	3%
É uma taxa definida pelo Banco de Portugal	11%	5%	19%	0%	10%	0%	3%	8%	25	9%
É uma taxa definida pelo Banco Central Europeu	41%	66%	66%	63%	67%	53%	79%	83%	170	62%
É uma taxa que resulta dos empréstimos realizados entre um conjunto de bancos europeus	7%	3%	5%	6%	0%	20%	14%	8%	18	7%
Não sei	33%	25%	10%	25%	24%	27%	0%	0%	53	19%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Só 7% dos inquiridos acertaram na resposta, sendo os inquiridos do 3º ano da LCFN os que tiveram uma taxa de respostas certas mais elevada, mas mesmo assim muito baixa. Apenas 20%. É significativo o facto de os inquiridos que frequentavam o 2º ano da LCFN não terem acertado na resposta certa.

No estudo de Mendes (2013) 15% dos inquiridos acertaram na resposta, enquanto que no estudo do BdP (2011) a percentagem de respostas certas foi de apenas 9%, pelo que os inquiridos neste estudo tiveram a menor percentagem de respostas corretas. (7% contra 15% e 9% respetivamente).

Na tabela 14 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com indexantes, no caso em concreto com a definição de *Spread*.

Tabela 14 – Respostas à questão “O que é o spread?”

D12 - O que é o <i>spread</i> ?	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
É a taxa de juro total que o banco lhe cobra pelos empréstimos	17%	11%	11%	19%	24%	33%	21%	17%	44	16%
É o acréscimo que o banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que pode variar de cliente para cliente	15%	16%	31%	44%	33%	33%	59%	50%	79	29%
É o acréscimo que o seu banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que é igual para todos os clientes	11%	13%	18%	6%	10%	0%	14%	33%	36	13%
É uma taxa de juro que o seu banco define em função do montante dos empréstimos	7%	9%	19%	6%	5%	13%	3%	0%	27	10%
Não sei	50%	52%	21%	25%	29%	20%	3%	0%	87	32%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos apenas 29% acertaram na resposta correta, com os inquiridos que frequentavam o 4º ano da LCFN a obterem uma taxa de respostas certas de 59%, enquanto os inquiridos do 1º e 2º ano da LCF foram os que obtiveram percentagens de respostas certas mais baixas, com 15% e 16%, respetivamente.

No estudo de Mendes (2013) apenas 27% dos inquiridos acertaram na resposta certa, enquanto no estudo do BdP (2011) a percentagem de respostas certas foi de apenas 17%, pelo que os inquiridos neste estudo tiveram uma maior percentagem de respostas certas que os outros dois estudos (29% contra 27% e 17% respetivamente).

Na tabela 15 identifica-se a percentagem de respostas certas à questão relacionada com seguros.

Tabela 15 – Respostas à questão “A principal razão para contratar um seguro é:”

D13 - A principal razão para contratar um seguro é:	LCF			LCFN				MCF	Nº Inquir.	Percent. (%)
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano		
Proteger-se de uma perda recentemente ocorrida	6%	11%	0%	0%	10%	0%	0%	0%	12	4%
Obter excelentes retornos do investimento	0%	2%	2%	0%	0%	0%	3%	0%	3	1%
Proteger-se de eventuais perdas imprevisíveis	80%	73%	92%	88%	71%	80%	97%	100%	228	84%
Melhorar os seus padrões de vida através da apresentação de sinistros fraudulentos.	2%	0%	2%	0%	5%	7%	0%	0%	4	1%
Não sei	13%	14%	5%	13%	14%	13%	0%	0%	26	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	273	100%

Fonte: Elaboração própria

Dos inquiridos 84% acertaram na resposta certa e 10% afirmaram não saber. O inquiridos que frequentavam o MCF tiveram uma taxa de resposta certa de 100%, Já os inquiridos que frequentavam o 2º ano de LCFN e o 2º ano de LCF não foram além de 71% e 73% de respostas corretas, respetivamente.

No estudo de Mendes (2013) 90% dos inquiridos deram a resposta correta, o que representa um valor mais elevado que no presente estudo.

Na tabela 16 apresenta-se em resumo as percentagens de respostas corretas e incorretas, dos inquiridos às perguntas relacionadas com os conhecimentos financeiros de cada um.

Tabela 16 – Resumo das respostas dos inquiridos sobre conhecimentos financeiros.

Resumo das respostas sobre conhecimentos financeiros				
Referencial	Questão	% Respostas Corretas	% Respostas Incorretas	% Não Sabe
Contas de Depósitos à Ordem	D1	50,18%	49,82%	n/a
Cartão de Débito	D2	95,97%	4,03%	n/a
Cartão de Crédito	D3	41,76%	58,24%	n/a
Inflação	D4	71,79%	28,21%	n/a
	D5	47,25%	52,75%	n/a
	D6	70,70%	13,55%	15,75%
Inflação/Poupança/Decisões de Investimento	D7	53,11%	46,89%	n/a
Decisões de Investimento/Cálculo Financeiro	D8	20,88%	52,01%	27,11%
Produtos Financeiros / Análise de Risco	D9	77,29%	9,89%	12,82%
Diversificação do Risco	D10	38,10%	14,65%	47,25%
Indexantes	D11	6,59%	73,99%	19,41%
	D12	28,94%	39,19%	31,87%
Seguros	D13	83,52%	6,96%	9,52%

Fonte: Adaptado de Mendes (2013)

As perguntas relacionadas com o conhecimento sobre indexantes, foram das que apresentaram uma taxa de respostas corretas mais baixa, a par com a questão sobre decisões de investimento/cálculo financeiro. Também o conhecimento sobre cartões de crédito apresenta resultados negativos, sendo que apesar da massificação deste meio de pagamento a crédito, denota um resultado preocupante. Pela positiva destaca-se a elevada percentagem de respostas corretas na questão sobre cartões de débito, o que revela a importância que este meio de pagamento tem hoje na nossa sociedade. Também sobre o tema de seguros existe um elevado conhecimento.

5 Conclusões

Num mundo cada vez mais globalizado em que as decisões financeiras de cada indivíduo se revestem de especial relevo para o bem-estar de cada um e da sociedade em que se insere, o conhecimento dos temas financeiros reveste-se de capital importância.

Considera-se relevante a realização deste estudo junto dos alunos dos cursos de LCF, LCFN e 1º ano do MCF da ESCE/IPS, de forma a aferir não só os seus conhecimentos financeiros, mas também a sua inclusão financeira e a importância que os mesmos dão ao planeamento de despesas e à poupança.

Assim, o presente estudo tem como objetivo verificar junto de um *cluster* específico, que são os estudantes dos cursos de licenciatura e mestrado em CF da ESCE/IPS, os seus níveis de conhecimento quanto à sua inclusão financeira, planeamento de despesas, poupança e conhecimentos financeiros. Foram utilizados os métodos qualitativo, bibliográfico e descritivo e, como técnica de recolha dos dados, foi usado o inquérito por questionário.

Se por um lado os resultados apresentam indicadores de uma elevada inclusão financeira, e de uma elevada preocupação com o planeamento de despesas e com a poupança, já os conhecimentos financeiros dos inquiridos apresentam resultados aquém do esperado, face à sua área de estudo.

Se o conhecimento sobre cartões de débito e seguros é bastante satisfatório por parte dos inquiridos, já sobre um meio de pagamento tão importante como o cartão de crédito, revela um preocupante desconhecimento sobre o seu funcionamento o que, como se sabe, leva a que os custos para os seus detentores, possam ser elevados por uma má utilização.

Também o desconhecimento dos inquiridos sobre indexantes como a Euribor ou sobre *spread*, denota uma falta de preparação dos inquiridos para, no presente e no futuro, tomarem decisões acertadas quando celebrarem contratos de empréstimos bancários sobre bens móveis ou imóveis de longa duração, pois esses indexantes estão presentes em praticamente todos os contratos de crédito, correndo os inquiridos elevados riscos de, por desconhecimento, poderem vir a entrar em processos de sobre-endividamento de todo desnecessários.

Nota ainda para a dificuldade dos inquiridos no cálculo financeiro o que, tratando-se de alunos da área financeira, revela fragilidade na absorção dos conteúdos lecionados em unidades curriculares que estimulam essa temática.

O presente trabalho apresenta algumas limitações como seja a utilização do questionário com questões de resposta fechada pois, como defende Freixo (2010:205), “existem dificuldades na elaboração das respostas possíveis a uma determinada resposta, bem como não estimula a originalidade e a variedade de resposta”. Ou, ainda, a dimensão da amostra.

Estudos futuros nesta área do conhecimento poderão incluir um maior aprofundamento do trabalho desenvolvido, relacionando as variáveis que o estudo concede. Poder-se-á, também, aumentar a dimensão da amostra de forma a melhor compreender a literacia financeira dos alunos do ensino superior politécnico público e o papel que esta via do ensino superior pode

desempenhar para a promoção da literacia financeira junto dos seus alunos, bem como da comunidade em geral.

6 Bibliografia

- Ardelt, M. (1997). Wisdom and satisfaction in old age. *Journal of Gerontology*, 52(1), 15-27.
- Benavente, Ana et al. (coord.), (1996), A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Bird, Sonia (2008). Financial literacy among university students: an Australian case study. University of Wollongong. Austrália
- Brod, M., Stewart, A. L., & Sands, L. (1999). Conceptualization and measurement of quality of life in dementia. *Gerontologist*, 39(1), 25-35. <http://dx.doi.org/10.1093/geront/39.1.25>
- Canadians and Their Money, Building a brighter financial future. Report of Recommendations on Financial Literacy, TFFL, 2010
- Chagas, I. (1993). Aprendizagem não formal/formal das ciências: Relações entre museus de ciência e escolas. *Revista de Educação*, Volume III, nº1, 51-59. Lisboa.
- Chen, H.; Volpe, R. (1998). An Analysis of Personal Financial Literacy Among College Students. *Financial Services Review*. Vol. 7. n.º 2. p. 107-128
- Fergusson, D. M., Horwood, L. J., & Beautrais, A. L. (1981). The measurement of family material wellbeing. *Journal of Marriage and Family*, 43(3), 715-725.
- Financial Industry Regulatory Authority (2003). NASD investor literacy research: executive summary.
- Fortin, Marie-Fabienne (2003) – O processo de investigação : da concepção à realização. 3.ª ed. Loures : Lusociência.
- George, L. K. (1993). Sociological perspective on life transitions. *Annual Review of Sociology*, 19, 353-373.
- GEPE (2009). A dimensão económica da Literacia em Portugal: Uma Análise. Lisboa ISBN: 978-972-614-466-3
- Goldsmith, E., & Goldsmith, R. E. (1997). Gender differences in perceived and real knowledge of financial investments. *Psychological Report*, 80, 236-238.
- Goldsmith, E. B. (2000). *Resource management for individual and family*. Belmont, CA: Wadsworth learning.
- Gramlich, Edward (2002) . The Financial Literacy Teacher Training Workshop, University of Illinois at Chicago, Chicago, Illinois (2 de Maio)
- Guiso, L.; Jappelli, T. (2008). Financial Literacy and Portfolio Diversification. European University Institute. Economics Working Papers. European University Institute.
- Hayhoe, C., Leach, I., Turner, P., Bruin, M., & Lawrence, F. (2000). Difference in spending Habits and credit card use of college students. *Journal of Consumer Affairs*, 34, 113-133.
- Henriques, Sandra Cristinma Martins (2010). Aspectos da literacia financeira dos portugueses. Um estudo empírico. Universidade de Aveiro.
- Kempson, E., Collard, S. and Moore, N. (2005). Financial capability: An exploratory study. Consumer research report 37, Financial Services Authority.

Kirsch, I., A. Jungeblut, L. Jenkins e A. Kolstad (1993), *Adult Literacy in America: a First Look at the Results of the National Adult Literacy Survey*, Washington, National Center for Education Statistics.

Lopes, Paulo Alexandre de Oliveira (2012). *A iliteracia financeira como factor de risco para as instituições de crédito portuguesas*. ISCAL

Lusardi, A.; Mitchell, O.; Curto, V. (2010). Financial Literacy among the Young. *Journal of Consumer Affairs*. Vol. 44. n.º 2. p. 358-380.

Joo, S. (1998). *Personal financial wellness and worker productivity*. Unpublished doctoral dissertation, Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg.

Maarschalk, J. (1988). Scientific literacy and informal science teaching. *Journal of Research in Science Teaching*, 25, 135-146

Machado, Hugo Augusto Monteiro (2011). *A literacia financeira da população escolar em Portugal. Estudo aplicado a alunos do ensino secundário da região de Lisboa*. Universidade Técnica de Lisboa.

Mandel, L. (2007). Financial literacy of high school seniors, in Jing J. Xiao (editor), *Advances in Consumer Financial Research*, New York: Springer Publishing 2008

Marcolin, S; Abraham, A, Financial Literacy Research: Current Literature And Future Opportunities: 3.rd International Conference of Contemporary Business 2006. Leura. (2006) (21-22 Set. 2006).

McGregor, S. L., & Goldsmith, E. B. (1998). Expanding our understanding of quality of life. *Journal of Family and Science*, 90(2), 2-6.

Mendes, Ana Filipa Costa (2013). *Financial Literacy of College Studets. Study Case: Students of the University of Porto*. Universidade do Porto

MONTIGNY, Gilles; KELLY, Karen & JONES, Stan. 1991. *Adults Literacy in Canada: Results of a National Study*. Ottawa: Statistics Canada.

Moore, Danna (2003). *Survey of financial literacy in Washington State: knowledge, behavior, attitudes and experiences*, technical report 03-39, social and economic Science research Center, Washington State University

NEFE - *Financial Literacy in America: Individual Choices, National Consequences*. NEFE. Denver, Colorado: 2002.

Noctor, M., Stoney, S. and Stradling, R., 1992, *Financial Literacy: A Discussion of Concepts and Competences of Financial Literacy and Opportunities for its Introduction into Young People's Learning*, Report prepared for the National Westminster Bank, National Foundation for Education Research, London

OCDE, 2005 *Improving Financial Literacy*

OCDE, 2006 *Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies*. *Financial Market Trends*. Vol. 2005 (n.º 2)

OCDE, 2012; *PISA 2012 Financial Literacy Assessment Framework*, OCDE, 2012

OECD (2014), PISA 2012 Results: Students and Money: Financial Literacy Skills for the 21st Century (Volume VI), PISA, OECD Publishing

Pedrosa, Júlio (2008), "Literacia, condição de cidadania" in AAVV, Literacia em Português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 113-117

Porter, N. M. (1990). Testing a model of financial wellbeing. *Financial Counseling and Planning*, 4, 135-164.

Porto Editora (2006). Dicionário de Língua Portuguesa

Portugal, Banco de (2011), Relatório do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa-2010; 2011.

Reading the Future: A Portrait of Literacy in Canada (Statistics Canada e Human Resource Development Canada, Canada, 1996)

Ribeiro, Eugénia Maria Costa (2013). Literacia Financeira. Estudo aplicado aos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário. Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

Robb, C.; Sharpe, D. (2009). Effect of Personal Financial Knowledge on College Students' Credit Card Behavior. *Journal of Financial Counseling & Planning*. Vol. 20. n.º 1. p. 25-43.

Schagen, S. (1997). The evaluation of Natwest Face 2 Face with Finance, National Foundation for Educational Research.

Taft, Marzieh Kalantarie; Hosein, Zare Zardeini; Mehrizi, Seyyed Mohammad Tabatabaei; Roshan, Abdoreza. (2013). The Relation between Financial Literacy, Financial Wellbeing and Financial Concerns. *International Journal of Business and Management*; Vol. 8, No. 11; - ISSN 1833-3850 - E-ISSN 1833-8119

UNFPA, 2002, Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011

Van Praag, B. M. S., Frijters, P., & Ferrer-i-Carbonel, A. (2003). The anatomy of subjective well-being. *Journal of Economic Behavior and Organisation*, 51, 29-49.

Vilelas J. (2009). O processo de construção do conhecimento. (1ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Vitt, L. A.; Anderson. C.; Kent, J.; Lyter, D. M.; Siegenthaler, J. K.; & Ward, J. (2000). Personal Finance and the Rush to Competence: Financial Literacy Education in the U.S, Fannie Mae Foundation.

Williams, F. I. (1983). Money income, no money income, and satisfaction as determinants of perceived adequacy of income. Paper presented at the perceived economic wellbeing symposium, Urbana.

7 Anexos

7.1 Anexo 1

**INQUÉRITO À LITERACIA FINANCEIRA
DOS ESTUDANTES DA ESCOLA DE CIÊNCIAS EMPRESARIAIS (ESCE)
DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL (IPS)**

No âmbito da Dissertação de Mestrado, intitulada “Literacia Financeira – O caso dos alunos dos cursos da área financeira da Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE) do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS)”, o presente questionário é **anónimo e confidencial**, tendo como objetivo recolher informação honesta e sucinta que permita a análise e a obtenção de algumas conclusões. A resposta a este questionário tem a duração aproximada de 15 minutos.

1 - Caracterização do Entrevistado¹

A1 – Nacionalidade:

- Portuguesa - Outra. Qual? _____

A2 – Idade:

- 18/20 Anos - 21/22 Anos - 23/25 Anos - 26/35 Anos - 36 anos ou mais.

A3 – Género:

- Masculino - Feminino

A4 – Estado Civil:

- Solteiro(a) - Casado(a) / União de Facto - Divorciado(a) - Viúvo(a)

A5 – Qual o Grau de Ensino que frequenta?

- Licenciatura (**Passar para A6**)
 - Mestrado (**Passar para A7**)

A6 – Qual o Curso de Licenciatura que frequenta?

- | | 1º Ano | 2º Ano | 3º Ano | 4º Ano |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> - Contabilidade e Finanças | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| <input type="checkbox"/> - Contabilidade e Finanças (Noturno) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

A7 – Qual o Curso de Mestrado que frequenta?

- | | 1º Ano | 2º Ano |
|---|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> - Mestrado em Contabilidade e Finanças | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

A8 – Qual a situação laboral ou ocupacional em que se encontra?

- Estudante a tempo inteiro
 - Trabalhador(a) a tempo inteiro
 - Trabalhador(a) a tempo parcial
 - Desempregado(a)
 - Reformado(a) / Aposentado(a)

A9 – Com quem habita?

- Sozinho - Residência de Estudantes - Em casa dos pais
 - Com o Cônjuge / Companheiro(a) - Em casa de familiares

A10 – Qual o rendimento mensal líquido *per capita* do agregado familiar?

¹ Adaptado de Chen and Volpe (1998); Lusardi et al (2010); Goldsmith, E., & Goldsmith, R. E. (1997); OCDE (2006)

- Até € 500,00 - Entre € 500,01 e € 1.000,00 - Entre € 1.000,01 e € 2.500,00
 - Mais de € 2.500,00 - Não sei

A11 – Qual a sua principal fonte de rendimento?

- Mesada dada por pais/avós/outros familiares/tutores
 - Bolsa
 - Rendimentos do trabalho
 - Outra. Qual _____

2 - Inclusão Financeira e Gestão de Conta²

B1 – É titular de uma ou mais contas de depósitos à ordem?

- Sim
 - Não (Passar para D1)

B2 – Com que frequência movimenta a sua principal conta bancária, incluindo os pagamentos por Multibanco?

- Pelo menos uma vez por semana - Pelo menos uma vez por mês
 - Nem todos os meses - Quase nunca ao longo do ano - Nunca

B3 – Com que frequência controla os movimentos e o saldo da sua principal conta bancária?

- Diariamente - Mais do que uma vez por semana - Mais do que uma vez por mês
 - Menos do que uma vez por mês - Raramente - Nunca

B4 – Qual é a principal forma como controla os movimentos e o saldo da sua principal conta de depósitos à ordem?

- Extrato enviado pelo banco - Multibanco - Internet/Linha Telefónica
 - Caderneta do banco - Ao balcão do banco - Normalmente não tem essa preocupação

B5 – Com que rigor conhece o saldo da sua principal conta bancária?

- Com um erro inferior a € 10,00 - Com um erro inferior a € 50,00
 - Com um erro inferior a € 100,00 - Com um erro inferior a € 500,00
 - Não conhece

3 - Planeamento de Despesas e Poupança³

C1 – Considera importante fazer um planeamento do seu orçamento familiar, ou seja das suas receitas e despesas futuras?

- Muito importante - Importante - Pouco importante
 - Nada importante - Não sabe

C2 – Com que periodicidade faz o planeamento do seu orçamento familiar?

- Diariamente - Semanalmente - Mensalmente
 - Anualmente - De forma não periódica - Não faz

C3 – Com quem discute assuntos relacionados com finanças pessoais (por exemplo, receitas, despesas, poupanças, investimentos, bancos, etc.)?

² Adaptado de Banco de Portugal (2010)

³ Adaptado de Banco de Portugal (2010); (PISA 2012)

- Pais/Tutores
- Irmãos e outros familiares próximos
- Amigos
- Com o funcionário bancário onde tem domiciliada a sua principal conta bancária
- Professores
- Outros. Quem? _____

C4 – Costuma fazer poupanças?

- Sim, regularmente
- Sim, irregularmente (quando recebe subsídios de férias, de natal, prémios...)
- Não

C5 – O que faz geralmente com o dinheiro que ganha/recebe?

- Gasta-o de imediato
- Deixa-o na conta habitual (à ordem), para gastar mais tarde
- Deixa-o na conta habitual (à ordem), para mais tarde fazer um depósito a prazo ou outra aplicação financeira
- Faz logo um depósito a prazo ou outra aplicação financeira
- Outra. Qual? _____

C6 – Qual a principal razão que o/a leva a fazer poupanças?

- Para aproveitar benefícios fiscais
- Para despesas futuras não regulares (ex. férias, viagens, ...)
- Para aquisição de bens duradouros (casa, mobília, eletrodomésticos, meio de transporte,...).
- Para despesas com educação do próprio ou dos filhos
- Para fazer face a despesas imprevistas
- Para utilizar na reforma/aposentação
- Outra. Qual? _____

4 - Compreensão Financeira⁴

D1 – O que é o Saldo Disponível de uma conta de depósitos à ordem?

- É o saldo que o cliente pode utilizar, incluindo uma autorização de descoberto bancário.
- É o valor existente na conta de depósitos à ordem do cliente que este pode movimentar sem estar sujeito ao pagamento de juros, comissões ou quaisquer outros encargos pela sua utilização.
- É o resultado do somatório dos movimentos a crédito e a débito efetuados na conta depósitos à ordem que reflete a posição do cliente titular da conta face ao seu banco, podendo, por isso, assumir valor positivo ou negativo
- Nenhuma das opções anteriores.

D2 – A Lisa recebeu na sua caixa de correio, o Código Pessoal (PIN) para o seu novo cartão de débito, enviado pelo seu banco. O que deve fazer Lisa com o PIN?

⁴ Adaptado de Cadernos do Banco de Portugal (2010); PISA (2012); Jump\$tart (2008); OCDE (2012); Lusardi et al (2008); Chen and Volpe (1998); Banco de Portugal (2010)

- Escrever o PIN num papel e coloca-lo na sua carteira
- Dizer o PIN aos seus amigos.
- Escrever o PIN na parte de trás do cartão.
- Memorizar o PIN

D3 – Qual dos seguintes utilizadores de cartão de crédito, é provável que pague, um maior valor em Euros com encargos financeiros por ano, se todos os cartões de crédito cobram o mesmo valor em comissões e taxas de juro?

- A Jéssica, que paga pelo menos o valor mínimo em cada mês e paga mais quando tem dinheiro disponível
- A Vera, que geralmente paga o seu cartão de crédito na íntegra, mas às vezes, paga o mínimo quando está sem dinheiro.
- A Megan, que paga sempre o seu cartão de crédito na íntegra logo após receber o seu salário.
- O Erin, que só paga o valor mínimo mensalmente.

D4 – Inflação alta significa que o custo de vida está a aumentar rapidamente.

- Verdadeiro
- Falso

D5 – A inflação pode causar dificuldades de muitas formas. Qual o grupo que teria maiores problemas durante os períodos de inflação alta que dure vários anos?

- Os mais velhos e os casais que trabalham e poupam para a reforma
- As pessoas mais velhas que vivem de uma pensão de reforma fixa.
- Os casais jovens sem filhos em que ambos trabalham.
- Os casais jovens com filhos em que ambos trabalham.

D6 – Imagine que a taxa de juro da sua conta poupança era de 1% por ano e a inflação foi de 2% por ano. Após um ano, com o dinheiro da sua conta seria capaz de comprar:

- Mais do que hoje
- Exatamente o mesmo que hoje
- Menos que hoje
- Não sabe

D7 – Se tivesse uma conta poupança num banco, qual das seguintes opções seria a correta sobre o juros que você ganharia com essa poupança?

- Os juros das contas poupança não podem ser tributados.
- Os juros recebidos de uma conta poupança são tributados em sede de Imposto Sobre o Rendimento de Pessoas Singulares (IRS).
- O Imposto Sobre o Valor Acrescentado (IVA) pode ser cobrado sobre os juros que você ganha.
- Você não pode ganhar juros, até à idade de 18 anos.

D8 – Se investir € 1.000,00 hoje a uma taxa de 4% ao ano, o seu saldo dentro de um ano será:

- Maior se os juros forem compostos diariamente do que se for mensalmente
- Maior se os juros forem compostos anualmente do que se for trimestralmente
- € 1.040,00, independentemente de como são calculados os juros
- € 1.000,00, independentemente de como são calculados os juros
- Não sei

D9 – A Rebeca poupou € 12.000,00 para as suas despesas com a faculdade, trabalhando em part-time. Planeia começar os estudos no próximo ano e irá necessitar de todo o dinheiro que poupar. Qual a melhor forma de aplicar/guardar o dinheiro com o menor nível de risco?

- Trancado no seu armário, em casa - Comprar ações de empresas
 - Comprar obrigações de empresas - Numa conta poupança - Não sei

D10 – Considera a seguinte afirmação verdadeira ou falsa? “Comprar uma só ação de uma empresa, normalmente, proporciona um retorno mais seguro do que comprar uma Unidade de Participação de um Fundo de Investimento”

- Verdadeiro - Falso - Não sei

D11 - Na maioria dos empréstimos à habitação, a taxa de juro paga ao banco é indexada a uma taxa de referência, que normalmente é a “Euribor”. Diga se a Euribor:

- É uma taxa definida pelo Governo Português
 - É uma taxa definida pelo Banco de Portugal
 - É uma taxa definida pelo Banco Central Europeu
 - É uma taxa que resulta dos empréstimos realizados entre um conjunto de bancos europeus
 - Não sei

D12 - O que é o spread?

- É a taxa de juro total que o banco lhe cobra pelos empréstimos
 - É o acréscimo que o banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que pode variar de cliente para cliente
 - É o acréscimo que o seu banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que é igual para todos os clientes
 - É uma taxa de juro que o seu banco define em função do montante dos empréstimos
 - Não sei

D13 - A principal razão para contratar um seguro é:

- Proteger-se de uma perda recentemente ocorrida
 - Obter excelentes retornos do investimento
 - Proteger-se de eventuais perdas imprevisíveis
 - Melhorar os seus padrões de vida através da apresentação de sinistros fraudulentos.
 - Não sei

Obrigado pela colaboração

7.2 Anexo 2

Literatura	Conclusões	Questão
Chen and Volpe (1998)	Os estudantes estrangeiros obtêm notas mais baixas que os seus homólogos americanos (estudantes nacionais)	A1 – Nacionalidade - Portuguesa - Outra. Qual?
Chen and Volpe (1998) Lusardi <i>et al</i> (2010)	Estudantes com menos de 30 anos de idade são mais suscetíveis de serem menos experientes comparativamente com os de 40 anos ou mais. A Literacia Financeira é especialmente baixa nos jovens adultos.	A2 – Idade: - 18/20 Anos - 21/22 Anos - 23/25 Anos - 26/35 Anos - 36 anos ou mais.
Goldsmith, E., & Goldsmith, R. E. (1997)	As mulheres são menos confiantes na sua capacidade para efetuar análises financeiras que os homens.	A3 – Género: - Masculino - Feminino
Chen and Volpe (1998)	Os estudantes casados são geralmente mais conhecedores sobre finanças pessoais.	A4 – Estado Civil: - Solteiro(a) - Casado(a) / União de Facto - Divorciado(a) - Viúvo(a)

<p>OCDE (2006)</p> <p>Guiso and Jappelli (2008)</p> <p>Chen and Volpe (1998)</p> <p>Chen and Volpe (1998)</p> <p>Robb and Sharpe (2009)</p>	<p>Indivíduos com níveis baixos de educação, tendencialmente são menos sofisticados financeiramente. Estudantes originários de classes sociais mais baixas, são mais propensos a serem menos experientes que os originários das classes mais altas.</p> <p>Nível de literacia financeira de acordo com a base da educação e da área de estudos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos das áreas Económico/Financeira são mais bem informados do que os que não são dessa área. - Devido à repetição de conceitos financeiros e princípios através dos cursos, os alunos das áreas Económico/Financeira podem tornar-se relativamente mais proficientes na compreensão dos princípios gerais dos mercados financeiros 	<p>A5 – Qual o Grau de Ensino que frequenta?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Licenciatura - Mestrado <p>A6 – Qual o Curso de Licenciatura que frequenta? 1º Ano? 2º Ano? 3º Ano? 4º Ano?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contabilidade e Finanças - Contabilidade e Finanças (Noturno) <p>A7 – Qual o Curso de Mestrado que frequenta? 1º Ano? 2º Ano?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mestrado em Contabilidade e Finanças
<p>Chen and Volpe (1998)</p>	<p>Estudantes com pouca experiência profissional têm baixos níveis de conhecimentos financeiros.</p>	<p>A8 – Qual a situação laboral ou ocupacional em que se encontra?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudante a tempo inteiro - Trabalhador(a) a tempo inteiro - Trabalhador(a) a tempo parcial - Desempregado(a) - Reformado(a) / Aposentado(a)
<p>Lusardi et al (2010)</p>	<p>A literacia financeira é fortemente relacionada com a sofisticação financeira da família e com</p>	<p>A9 – Com quem habita?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sozinho

<p>Guiso and Jappelli (2008) OECD (2006) Chen and Volpe (1998)</p>	<p>as características sociodemográficas. Pessoas de baixos rendimentos tendem a ser financeiramente menos sofisticadas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Residência de Estudantes - Em casa dos pais - Com o Cônjuge / Companheiro(a) - Em casa de familiares
		<p>A10 – Qual o rendimento mensal líquido <i>per capita</i> do agregado familiar?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Até € 500,00 - Entre € 500,01 e € 1.000,00 - Entre € 1.000,01 e € 2.500,00 - Mais de € 2.500,00 - Não sei
		<p>A11 – Qual a sua principal fonte de rendimento?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mesada dada por pais/avós/outros familiares/tutores - Bolsa - Rendimentos do trabalho - Outra. Qual?

Referencial	Fonte	Questão
Inclusão Financeira	Banco de Portugal (2010)	B1 – É titular de uma ou mais contas de depósitos à ordem? - Sim - Não
Inclusão Financeira / Comportamentos		B2 – Com que frequência movimenta a sua principal conta bancária, incluindo os pagamentos por Multibanco? - Pelo menos uma vez por semana - Pelo menos uma vez por mês - Nem todos os meses - Quase nunca ao longo do ano - Nunca
Comportamentos / Atitudes		B3 – Com que frequência controla os movimentos e o saldo da sua principal conta bancária? - Diariamente - Mais do que uma vez por semana - Mais do que uma vez por mês - Menos do que uma vez por mês - Raramente - Nunca
		B4 – Qual é a principal forma como controla os movimentos e o saldo da sua principal conta de depósitos à ordem? - Extrato enviado pelo banco - Multibanco - <i>Internet</i> /Linha Telefónica

		<ul style="list-style-type: none"> - Caderneta do banco - Ao balcão do banco - Normalmente não tem essa preocupação
		<p>B5 – Com que rigor conhece o saldo da sua principal conta bancária?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Com um erro inferior a € 10,00 - Com um erro inferior a € 50,00 - Com um erro inferior a € 100,00 - Com um erro inferior a € 500,00 - Não conhece
Planeamento de Despesa e Poupança / Orçamento Familiar	Banco de Portugal (2010)	<p>C1 – Considera importante fazer um planeamento do seu orçamento familiar, ou seja das suas receitas e despesas futuras?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Muito importante - Importante - Pouco importante - Nada importante - Não sabe
		<p>C2 – Com que periodicidade faz o planeamento do seu orçamento familiar?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diariamente - Semanalmente - Mensalmente - Anualmente - De forma não periódica - Não faz
	PISA (2012)	<p>C3 – Com quem discute assuntos relacionados com finanças pessoais (por exemplo, receitas, despesas, poupanças, investimentos, bancos, etc.)?</p>

		<ul style="list-style-type: none"> - Pais/Tutores - Irmãos e outros familiares próximos - Amigos - Com o funcionário bancário onde tem domiciliada a sua principal conta bancária - Professores - Outros. Quem?
	Banco de Portugal (2010)	<p>C4 – Costuma fazer poupanças?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sim, regularmente - Sim, irregularmente (quando recebe subsídios de férias, de natal, prémios...) - Não <p>C5 – O que faz geralmente com o dinheiro que ganha/recebe?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Gasta-o de imediato - Deixa-o na conta habitual (à ordem), para gastar mais tarde - Deixa-o na conta habitual (à ordem), para mais tarde fazer um depósito a prazo ou outra aplicação financeira - Faz logo um depósito a prazo ou outra aplicação financeira - Outra. Qual? <p>C6 – Qual a principal razão que o/a leva a fazer poupanças?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para aproveitar benefícios fiscais - Para despesas futuras não regulares (ex. férias, viagens...) - Para aquisição de bens duradouros (casa, mobília, eletrodomésticos, meio de transporte,...). - Para despesas com educação do próprio ou dos filhos - Para fazer face a despesas imprevistas - Para utilizar na reforma/aposentação

		- Outra. Qual?
Contas de Depósitos à Ordem	Abertura e Movimentação de Contas de Depósito; Cadernos do Banco de Portugal, N° 9 – Banco de Portugal (2010)	<p>D1 – O que é o Saldo Disponível de uma conta de depósitos à ordem?</p> <p>- É o saldo que o cliente pode utilizar, incluindo uma autorização de descoberto bancário.</p> <p>- É o valor existente na conta de depósitos à ordem do cliente que este pode movimentar sem estar sujeito ao pagamento de juros, comissões ou quaisquer outros encargos pela sua utilização.</p> <p>- É o resultado do somatório dos movimentos a crédito e a débito efetuados na conta depósitos à ordem que reflete a posição do cliente titular da conta face ao seu banco, podendo, por isso, assumir valor positivo ou negativo</p> <p>- Nenhuma das opções anteriores.</p>
Cartão de Débito	PISA (2012)	<p>D2 – A Lisa recebeu na sua caixa de correio, o Código Pessoal (PIN) para o seu novo cartão de débito, enviado pelo seu banco. O que deve fazer Lisa com o PIN?</p> <p>- Escrever o PIN num papel e coloca-lo na sua carteira</p> <p>- Dizer o PIN aos seus amigos.</p> <p>- Escrever o PIN na parte de trás do cartão.</p> <p>- Memorizar o PIN</p>
Cartão de Crédito	Jump\$tart (2008)	<p>D3 – Qual dos seguintes utilizadores de cartão de crédito, é provável que pague, um maior valor em Euros com encargos financeiros por ano, se todos os cartões de crédito cobram o mesmo valor em comissões e taxas de juro?</p> <p>- A Jéssica, que paga pelo menos o valor mínimo em cada mês e paga mais quando tem dinheiro disponível</p> <p>- A Vera, que geralmente paga o seu cartão de crédito na íntegra, mas às vezes,</p>

		<p>paga o mínimo quando está sem dinheiro.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Megan, que paga sempre o seu cartão de crédito na íntegra logo após receber o seu salário. - O Erin, que só paga o valor mínimo mensalmente.
Inflação	Measuring Financial Literacy, OCDE (2012)	<p>D4 – Inflação alta significa que o custo de vida está a aumentar rapidamente.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Verdadeiro - Falso
Inflação	Jump\$tart (2008)	<p>D5 – A inflação pode causar dificuldades de muitas formas. Qual o grupo que teria maiores problemas durante os períodos de inflação alta que dure vários anos?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os mais velhos e os casais que trabalham e poupam para a reforma - As pessoas mais velhas que vivem de uma pensão de reforma fixa. - Os casais jovens sem filhos em que ambos trabalham. - Os casais jovens com filhos em que ambos trabalham.
Inflação	Lusardi <i>et al</i> (2010)	<p>D6 – Imagine que a taxa de juro da sua conta poupança era de 1% por ano e a inflação foi de 2% por ano. Após um ano, com o dinheiro da sua conta seria capaz de comprar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mais do que hoje - Exatamente o mesmo que hoje - Menos que hoje - Não sabe
Inflação / Poupança / Decisões de Investimento	Jump\$tart (2008)	<p>D7 – Se tivesse uma conta poupança num banco, qual das seguintes opções seria a correta sobre os juros que você ganharia com essa poupança?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os juros das contas poupança não podem ser tributados. - Os juros recebidos de uma conta poupança são tributados em sede de

		<p>Imposto Sobre o Rendimento de Pessoas Singulares (IRS).</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Imposto Sobre o Valor Acrescentado (IVA) pode ser cobrado sobre os juros que você ganha. - Você não pode ganhar juros, até à idade de 18 anos.
Decisões de Investimento / Calculo Financeiro	Chen and Volpe (1998)	<p>D8 – Se investir € 1.000,00 hoje a uma taxa de 4% ao ano, o seu saldo dentro de um ano será:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Maior se os juros forem compostos diariamente do que se for mensalmente - Maior se os juros forem compostos anualmente do que se for trimestralmente - € 1.040,00, independentemente de como são calculados os juros - € 1.000,00, independentemente de como são calculados os juros - Não sei
Produtos Financeiros / Análise de Risco	Jump\$tart (2008)	<p>D9 – A Rebeca poupou € 12.000,00 para as suas despesas com a faculdade, trabalhando em <i>part-time</i>. Planeia começar os estudos no próximo ano e irá necessitar de todo o dinheiro que poupar. Qual a melhor forma de aplicar o dinheiro com o menor nível de risco?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Trancado no seu armário, em casa - Comprar ações de empresas - Comprar obrigações de empresas - Numa conta poupança - Não sei
Diversificação do Risco	Lusardi et al (2010)	<p>D10 – Considera a seguinte afirmação, verdadeira ou falsa? “Comprar uma só ação de uma empresa, normalmente, proporciona um retorno mais seguro do que comprar uma Unidade de Participação de um fundo de investimento”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Verdadeiro - Falso - Não sei
Indexantes	Banco de Portugal (2010)	<p>D11 – Na maioria dos empréstimos à habitação, a taxa de juro paga ao banco é indexada a uma taxa de referência, que normalmente é a “Euribor”. Diga se a Euribor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - É uma taxa definida pelo Governo Português - É uma taxa definida pelo Banco de Portugal

		<ul style="list-style-type: none"> - É uma taxa definida pelo Banco Central Europeu - É uma taxa que resulta dos empréstimos realizados entre um conjunto de bancos europeus - Não sei
		<p>D12 – O que é o <i>spread</i>?</p> <ul style="list-style-type: none"> - É a taxa de juro total que o banco lhe cobra pelos empréstimos - É o acréscimo que o banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que pode variar de cliente para cliente - É o acréscimo que o seu banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que é igual para todos os clientes - É uma taxa de juro que o seu banco define em função do montante dos empréstimos - Não sei
Seguros	Chen and Volpe (1998)	<p>D13 - A principal razão para contratar um seguro é:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Proteger-se de uma perda recentemente ocorrida - Obter excelentes retornos do investimento - Proteger-se de eventuais perdas imprevisíveis - Melhorar os seus padrões de vida através da apresentação de sinistros fraudulentos. - Não sei